

Sul

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA



11

XILOGRAVURA
DE
FAYGA OSTROWER

POEMA

FRED PINHEIRO

Retornar ao poço
donde provimos
— obscuros.

Sem rumor, sem tragédia,
numa completa ausência
do choro que redime.

Não a redenção que procuramos
não as palavras de censura
— as ásperas e cruéis de humilhação.

Ó a inutilidade do consôlo
embora do amigo ou da amada.

Apenas esquecimento sem amor!

Diluir-se no humus
liquefazer-se em seiva
transfigurar-se em luz
e acordar no tempo exilado
na praia do nunca mais.

RIO.

Ao sol passageiras sombras
se destacam levemente.
Sopra vento por meu rosto.

Ar de outono reparado
acenando meus cabelos
a passáros longiquos.

Meia sensação de vôo.
Pede meu corpo
a leveza dos meus braços.

Foge tudo ao meu rumor
sem vontade, sem cadência.
Marco sonolentas horas.

Só, ajuntando as emoções
que me vierem
para sonhar por tí.

Poema Diurno

WALMOR CARDOSO DA SILVA

SINFONIA

J. M. GOMES DE MATTOS

Primeiro as mãos
surgem voejando
e os sons caminham
por entre as mãos

Depois os sons enlaçam as mãos
as mãos escravas
vibrantes, trêmulas
anciosas fremem
seguindo os sons.

E crescem os sons
e crescem as mãos.

As mãos se perdem
por entre os sons
se agitam em pânico
fogem os sons.

Enfim se enlaçam
deslizam juntos
em calmaria.

Num derradeiro
último arranco
gritam o finis
e vão morrendo
os sons
as mãos.

EXPEDIENTE

S U L

REVISTA DO CÍRCULO
DE

ARTE MODERNA

Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.
Brasil

Conselho Orientador e de
Redação:

Dr. Anibal Nunes Pires
Archibaldo C. Neves —
Gerente.

Doralécio Soares

Eglê Malheiros

Elio Ballstaedt

Margot Ganzo

Ody Fraga

Odylio Malheiros Jr.

Pedro T. Taulois

Salim Miguel — Secretário.

Walmor C. da Silva

SUL acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada, de qualquer parte do Brasil, especialmente dos jovens, se reservando porém o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem as responsabilidades de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independentemente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contato e permuta com outras publicações.

ASSINATURA POR DOZE
NÚMEROS: Cr\$ 24,00

PREÇO POR EXEMPLAR:
Cr\$ 2,00

As assinaturas podem ser pedidas diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Representantes:

Rio:

Dr. Hamilton V. Ferreira

Porto Alegre:

Antônio da Silva Filho

R. Joaquim Nabuco, 126.

São Paulo:

Ruy Brand Correia

R. Baronesa de Itú, 352 —

Fone 51-7595.

Portugal:

Dr. Manuel Pinto

Correspondência

PARA OS DIRETORES DE "SUL"

Decididamente, um espírito moço e com projeção está vassoirando o Brasil — e, muito gostoso é dizê-lo "SUL" galopa na vanguarda desse movimento renovador.

A leitura da vossa revista que têm tido a gentileza de me facultar, tem encontrado em mim um interesse muito vivo, e, dado que o Mar que cinta as nossas Ilhas não me deixa ir aí fazer estrugir as minhas palmas quentes, aqui fica consignada a minha simpatia muito leal e muito amiga.

Gostaria de estar convosco mais assiduamente, e assim espero que me digam qual a modalidade de assinante que mais favorece os vossos serviços de administração.

Meus amigos, aos quais passei a vossa revista, também se interessaram pelo movimento dos "novos" de Santa Catarina, de tal maneira que eu vos posso afirmar que "Sul" — suas peças de teatro, seus contos e seus poemas — conquistou por forma iniludível a simpatia dos "novos" de São Vicente de Cabo Verde.

Com muita simpatia do

Nuno Miranda.

(São Vicente de Cabo Verde)

Atibaia, 19 Maio 1950.

Caro Antônio Paladino

Primeiro uma gripe, depois uma viagem a Bahia que me poz a vida em atraso, me fizeram adiar, mas não esquecer o agradecimento que lhe devo pela compreensão aguda e pela generosidade com que criticou meu Angulo e Face.

Tive a maior satisfação em ver o seu trabalho na revista SUL, pois já tinha por todos vocês uma grande simpatia e admiração, pois, além da revista (das pouquíssimas que se tem mantido em todo o Brasil) vocês ainda promovem teatro, exposições, criando um ambiente cultural que às vezes não encontramos nem nas metrópoles.

O seu trabalho sobre o meu livro teve a maior repercussão. Muitos em S. Paulo a êle se referiram e cheguei a receber uma carta de Portugal, de Francisco Luís Amaro (Portugália Editora) dizendo que já me conhecia de alguns suplementos do Brasil e de um comentário da revista SUL, certamente o seu.

Teríamos o maior prazer de publicar um artigo seu em TENTATIVA. Temos mandado sempre o jornal. Terão vocês recebido com regularidade? Gostaria de ter seu endereço particular.

Com as recomendações dos meus companheiros de jornal, aceite o meu abraço de amigo e admirador.

ANDRÉ CARNEIRO

TONINHO MORREU...



Antonio Paladino — 24-8-925 — 20-5-950

"Toninho morreu..." duas palavras; duas palavras simples, comuns, pronunciadas milhares de vezes por dia em todas as latitudes e idiomas. "Fulano morreu..." Abri-mos os jornais, escutamos rádio, conversamos com conhe-cidos... e lá vêm as palavras: "Fulano morreu..." Fica-mos indiferentes, como se nos tivessem dito: "Fulano co-meu, bebeu, casou-se..." Nada para nós significam; nada mais do que um leve sentimento de solidariedade.

Porém agora, "Toninho morreu..." — e como estas palavras se avolumam, crescem, têm outro significado mais trágico. Os vocábulos são incapazes para transmitir tudo o que para nós tem de triste essas duas palavras: "Toninho morreu..."

"Toninho" para os íntimos. Antônio Paladino para os demais.

Morreu na flor da idade, vítima de pertinaz molestia que o mantinha no leito há tempos. Acabou-se sábado, 20 de Maio. Morreu como viveu. Fiel a si mesmo, às suas idéias, lúcido até o final.

Descançou — é costume dizer-se em tais casos. Mas que importam tais palavras diante do fato em si? Descançou nada diz.

Um jovem morrer é triste, é muito mais triste do que um velho, pois um jovem mal começou a viver. Quanta força, quanto vigor, quantos sonhos e esperanças acumuladas!

Antônio Paladino foi um dos iniciadores do movimen-to cultural dos novos em Santa Catarina. Já de há mui-to, lá por 1945 que se sonhava fazer alguma coisa. E To-ninho sempre firme. Participou primeiro de Clubes Cul-turais, depois de um Jornalzinho dactilografado, cuja ti-ragem (e feita com que dificuldades) não ia além de 8 exemplares, passados de mão em mão. Era um Jornal satírico, "CICUTA", e nele se ensaiavam os primeiros passos. Depois apareceu "Folha da Juventude" — e lá estava Toninho, dirigindo o Jornal e assinando além de crônicas e contos e poesias, a página de crítica. Finalmen-te, como um quase desdobramento da "Folha", surgiu "SUL". E também em "SUL", especialmente nos primei-ros números, Antônio Paladino lá estava, dando o que po-dia, trabalhando para que os "novos" de Florianópolis ti-vessem o seu órgão representativo, que iria mostrar além fronteiras do Estado o que aqui se fazia.

Mas Toninho sempre sofreu de pertinaz asma, que aos poucos foi se transformando em doença mais daninha. Há mais de um ano ele deixara de participar ativamente, fisicamente colaborando conosco. Mas em espírito nunca nos deixou. Sempre o íamos visitar, saber notícias dele, ele nos recebia com aquele sorriso tão simples, queria saber do que estávamos fazendo e em que nos poderia auxiliar. Nossas vitórias eram as dele — dele as nossas derrotas.

É costume dizer-se: "Fulano morreu... fulano, o me-lhor de todos nós". "Morreu..." cartão de perfeição é passado à pessoa. Não, não diremos tal. Toninho era igual a nós, com as nossas falhas e valores, humano a mais não

poder, com os defeitos e virtudes inatas a todas as pessoas. Mas o que Toninho tinha a mais, do que nós, talvez mesmo por causa da doença, era a capacidade de sentir a vida, de perceber e captar o que a vida pode oferecer de beleza e tristeza. Era, nos primeiros tempos, de todos nós, o mais alegre. Nunca brigou com ninguém, gostava de assistir às discussões dos amigos, e se ria, ria perdi-damente quando quase nos atracávamos em defesa das nossas idéias. As dele, ele as defendia sorrindo; deixava que falássemos e depois nos dizia: "Pois é — num tom pseudamente muito humilde mas onde se podia notar uma leve ironia — eu acho que é assim; agora não ga-ranto, se vocês não concordam e me provam que estou errado"...

Assim era Toninho — Antonio Paladino. Uma pessoa. E dizendo isto dizemos tudo. Sim, porque as palavras não adiantam. As palavras nada significam.

Que poderão elas exprimir para mostrar um sorriso dele, um gesto, uma palavra mais expressiva, um tique seu tão característico como por exemplo o de levar cons-tantemente o dedo à aza do nariz ou apertar a garganta, bem no pomo de Adão!

No fim, Toninho tomou-se de um desencanto total. Não, não era medo da morte. Mas um desencanto, uma certeza do fim. Já quase não lia, qualquer esforço cansa-va-o, não podia escrever — ele que tanto gostava de ma-nifestar suas idéias. Deixava-se estar horas e horas es-tendido, a pensar, quem saberá em que?

Na véspera do seu falecimento, à noite, o irmão e pai visitando-o no Hospital, como ele perguntasse pela "turma", disseram-lhe que o iríamos visitar todos no dia seguinte. Sorriu-se, como prevendo, e retrucou: "Visitar não; eles vem é me acompanhar". E assim foi. Poucas horas depois morria, sem que nenhum de nós, seus ami-gos, ignorando tudo, pudessemos nos despedir dele.

"Adeus" — é uma palavra que não diz nada e diz tudo. Aqui, temos certeza, diz tudo. "Adeus, Toninho".

Um dos derradeiros trabalhos de Antônio Paladino, já da sua última fase, quando ele escrevia simplesmen-te para si, dando ao papel o que sentia, trabalhos que bem mostram seu estado de espírito:

TRISTEZA

Antonio Paladino

Ruas compridas
De pensamentos em linhas pardas
Paralelas.
Ausências justapostas
Que se anulam e se cristalizam
Nas ruas
Por um jogo ritmado
De notas complementares
Que esboçam nos entretons
As formas irregulares
Dos sentidos.
Sombras espessas
Rodeiam os pensamentos
Em contraste concordante
Com ondas luminosas
Que descem de um sol permanente
Envolvendo
Revelando
Os meandros dúbios
Das ruas

Grupo "SUL" no Rio



Foto batida por ocasião da estada no Rio, de elementos do CAlM (Revista "SUL" e Teatro Experimental). Além de parte do Grupo, vê-se o Poeta Carlos Drummond de Andrade e o Dr. Jorge Lacerda, orientador do bem feito "Letras e Artes", Suplemento Literário do jornal "A Manhã".

POETAS DE PORTUGAL

Poema

Ditosos a quem acena
Um lenço de despedida!
São felizes: têm pena...
Eu sofro sem pena a vida.

Dão-me até onde penso
E a dor é já de pensar,
Orfão de um sonho suspenso
Pela maré a vagar..

E sobe até mim, já farto
De improficuas agonias,
No cais de onde nunca parte,
A maresia dos dias.

FERNANDO PESSOA

Súplica á Morte

O' Senhora dos mantos virgens
de alvuras imaculadas,
que vens de ignótas origens
e tens nos olhos vertigens
de alturas premeditadas...
— Quero beijar-te as mãos geladas
O' Senhora dos mantos virgens!

Ó noiva da treva densa
sem caminhos de luar,
noite mais espessa e intensa
do que a vastidão imensa
e misteriosa do mar...
— Dá-me a luz do teu olhar
ó noiva da treva densa!

Ó Visão que te amortalhas
em silêncios infinitos,
e passas entre batalhas
com essa cota de malhas
de relâmpagos malditos...
— Escuta o eco dos meus gritos
Ó Visão que te amortalha!

Ó Madona dos suicidas,
em cuja boca diviso
ironias homicidas
e gargalhadas escondidas
num esgar vasio, indeciso...
— Desvenda-me o teu sorriso
ó Madona dos suicidas!

Ó neve da Solidão
que não temes desfazer-te,
e ouves na escuridão
os prantos da Aflição
sem receio de comover-te...
— Vem em meu peito aquecer-te
ó neve da Solidão!

JORGE RAROS

Canção Barbara

O meu amor — novo amor...
E' uma cigana magrita
Que eu não sei bem se é bonita
Ou se é de eu o supôr..

Tens uns olhos bem ciganos,
Muito grandes, sensuais,
Onde há taras ancestrais.
Volupias com milhões de anos

Crepita-lhe entre as pestanas
Um mundo de chamus pretas
Que me evoca pandeiretas,
Ursos sábios, caravanas..

O narizito é adunco,
Um vôo d'asa as narinas,
E o corpo, de formas finas
E' fininho como um junco.

Oh! o afago de seda
Do seu cabelo encrespado
Que parece o fumo ondeado
Do corpito em labareda.

Dos cabelos em desordem
Aos seus dedos de patricia
Toda ela é uma caricia
Dessas caricias que mordem.

O meu amor — novo amor...
E' uma cigana magrita
Que eu não sei bem se é bonita
Ou se é de eu o supôr..

Afonso de Bragança

Canção Depressa

Tudo agora é breve
E pressa, depressa,
Que importa que esqueça?
Tudo agora é breve
Mesmo o que se escreve.

Mesmo o que se sente.
Tudo é breve agora.
Ninguém está contente
E mente quem chora.
Tudo é breve agora.

Não há nada lento
Roubaram ao tempo
O tempo que ele teve.
Tudo agora é breve
Só dura um momento.

Faça sol ou neve
Com juizo ou louco
Dêa muito ou pouco
O tempo não chega
Tudo agora é breve.

Que importa que esqueça?
Vamos sem demora
Vamos sem viver,
Tudo é breve agora
E pressa, depressa
— Pressa de morrer.

CARLOS QUEIRÓS

UM SONHO DE VIDA

Finalmente decidiu. Não mais se preocuparia. Afinal, cedo ou tarde tinha de se convencer da realidade; vivia na terra entre seres humanos, e não mais nos contos de Fada com o Gato de Botas ou a Bela Adormecida. Não mais haviam fadas para salvar o jovem príncipe, já não existiam aqueles primeiros amores com os simples apertos de mão e palavras singelas sussuradas no ouvido da garota de 12 anos; eram apenas coisas que se perderam no esquecimento.

Olhou para trás. Infância, juventude, mocidade, é tudo tão longínquo, mal se lembrava. Já quasi não existiam mesmo, a não ser como um passado, que os outros lhe contavam... só assim conseguia recordar.

Julgou-se um dia ser o "sherife" que protege a lei dos malfeitores. Agora ria-se desses sonhos de criança. Cresceu. Vestira as primeiras calças compridas, raspava a primeira barba e, uma noite, sentira pela primeira vez, palpitar em si a vida. E foi vivendo. Agora, não apenas a escola, é quem o tirava, as vezes, daquela despreocupação alegre em que costumava viver. Antes, notava em si apenas os caracteres exteriores; entretanto, fora adquirindo da vida as várias partes humanas que ela lhe ia oferecendo e, obrigando-o, não raro, a aceitá-las. "É quando começamos realmente a viver", diziam-lhe todos. E ele os acreditava. Quando procurou se ver, mal se reconheceu. O mundo emprestara-lhe tanta coisa que ele já era também humano. Ser humano, eis o mal; e ele o era.

Os fatos foram se sucedendo um após outro e, assim como a chuva miúda que ao cair, penetra na terra, por mais árida que ela seja, um dia, quando se olhou, não mais sabia quem fora; era humano, eis tudo. Perdera aquela poesia que trazia consigo quando aqui viera; aquela força e singeleza, tudo se esvaira. Toda a poesia se dissolvera ante a realidade. Como as brincadeiras de criança, foi-se também a vida substituindo até que se mostrou como realmente era. Viu-a ante seus olhos, procurou agarrar-se aos sonhos da infância; inútil, não mais existiam as botas do Pequeno Polegar; tudo não passara de uma químera que se desfez ante as exigências da vida. Já era humanidade. Vivia entre os homens, eis a única realidade.

Estranho como tudo isto me vem à mente agora. Quanto tempo faz? Não tenho a mínima idéia. Eu estava neste mesmo banco. Jamais pude me esquecer do seu rosto sombrio, daquelas barbas espessas e do seu olhar que divagava. Desde então, não mais o vi. Aquele foi o nosso único encontro. Recordo ainda. Era num desses dias em que a tristeza quer apossar-se completamente de nós, quer abater-nos, aniquilar-nos, corroendo-nos interiormente.

ARCHIBALDO CABRAL NEVES

Achava-me só. Sentara-me num dos bancos da praça, quando vi um vulto, algo estranho, aproximar-se de mim e, embora houvesse tantos bancos vazios no jardim, sem mesmo pedir licença ou dar-me um "bom dia", o desconhecido sentou-se ao meu lado.

Estava alheio a tudo e a todos que passavam de um lado para o outro, não havia sequer reparado que era primavera e que as flores começavam a mostrar sua beleza, encontrava-me numa solidão dentro da minha tristeza, buscava soluções a alguns problemas que tinha presentes dentro do meu cérebro, queria resolvê-los dentro da vida e, no entanto, esquecia-me de vê-la ali perto de mim. De repente, olho e sinto aquele vulto sentado ali ao meu lado; minha primeira vontade foi a de levantar-me e ir para outro banco mais afastado, onde pudesse achar uma resposta para mim, só para mim, longe de todos. Porém, não consegui executar tal pensamento. O desconhecido, como que desconfiando da minha intenção, começou a falar-me:

—Não, não se afaste. Há muito o venho observando. Não faça esforço, o senhor não me conhece, jamais me viu. Simpatizei com o senhor, e já que essa simpatia não se transformou em mais uma desilusão, gostaria de lhe contar algo que aprendi vivendo e que talvez lhe seja útil; para mim, como vê, sou velho, o que aprendi, para muito pouco servirá. Não posso recomeçar uma vida e nem tenho descendentes para esta miséria que é o mundo. Também já fui como o senhor. Também a mim diziam para deixar de ser triste, que "entrasse na vida que a esquecia", eu porém permanecia surdo. São bem poucas porém as rosas da vida, não demorou muito e logo tive a triste certeza disto. As coisas foram acontecendo e, com o tempo, fui-me acostumando. Então o inevitável aconteceu. Um dia vi-me humanizado. Humano, com tudo que esta palavra encerra de vaidade e de enganos. Havia perdido os meus sonhos, quis integrar-me na humanidade. Sentí-me velho demais, porém.

Muitas vezes tentei refutar as idéias do meu estranho amigo, porém, a realidade como a vemos e sentimos é uma coisa, e os nossos sonhos de criança, contos de fadas, sonhos de criança, nada mais.



SILVEIRA SAMPAIO, O AUTOR

RUY BRAND CORRÊA

Rompendo com as antiquadas e gastas fórmulas consideradas então clássicas de fazer rir com uma comicidade semi-circense e fazer chorar com dramalhões folhetinescos, sem a menor preocupação de conteúdo e plástica, surgiram a alguns anos atrás desfraldando a bandeira da renovação teatral "Os V Comediantes", comandados por Ziembinsk.

Para aqueles a quem todo o progresso é um tabú, (hontem os conservadores decrépitos, hoje, saudosistas despeitados) não conseguiram entrar a marcha desse movimento vitorioso de superação artística.

A gente moça de nossa terra, logo apoiou a iniciativa dos novos, concios de suas responsabilidades, levando-os muito a sério; e graças a isso bastante lucrou a cultura e a inteligência de nosso povo.

Não somos hoje marginais da verdadeira arte teatral. Já fugimos da rotina comoda e modorrenta em que nos encontravamos, apoiando ou produzindo algo de muito mais positivo e honesto, que a comédia de fancaria ou drama de folhetim que aos poucos extinguem-se em suas próprias fraquezas, para dar lugar a um teatro de dimensões mais amplas em técnica e substância.

A arte na verdadeira e grandiosa concepção da palavra, é uma realidade nos nossos palcos.

Silveira Sampaio é um dos após "Os V Comediantes". Suas peças equilibradas em harmonia são sátiras vigorosas que saem da estreiteza do palco para acomodar-se na alma e cérebro do espectador, oferecendo-lhe entre a asfixia e angústia a visão da realidade amarga da era hydrogênica, num mixto de triste riso, para quasi arogá-lo quando ainda não morreu a sua última gargalhada. São gritos solitários, camuflados na comicidade, pedindo ternura diante da brutalidade do momento e da sociedade organizada em bases e convenções desumanas.

Esse talentoso moço de inteligência aguda, entregou-se de corpo e espírito a arte cenica, sendo admirável sob os três aspectos em que aí milita: autor, diretor e interprete.

Trataremos nestas limitadas e despretenciosas notas exclusivamente de Silveira Sampaio, o autor; faceta à qual, a sua contribuição ao ainda pequeno repertório teatral brasileiro, é sobremaneira notável.

Consciente e seguro de que já passou o tempo do teatro mediocre e rotineiro, aproveitando-se de sua sólida cultura e bela inteligência, queremos crer que Silveira Sampaio, situou-se entre a moderna geração brasileira de teatrólogos, como uma das suas mais altas expressões.

A trilogia do herói grotesco, de sua autoria ("A Inconveniência de ser esposa", "Da necessidade de ser polígamo" e "A garçoniere de meu marido") são sátiras vigorosas, refinadas com a sua arte de aprimorado bom gosto. Seus enredos giram quasi que inteiramente em torno dos magníficos e oportunos diálogos e monólogos, ricos em vivacidade, graça e subtileza, onde não falta a frase mordaz, nem o perverso sub-entendido.

Poucos autores conseguem com o êxito de Silveira Sampaio, o manejo do diálogo quando este mantém toda a movimentação da peça. Escreveu famoso escritor norte-americano, Frank Harris em determinado trecho de sua obra "Bernard Shaw, uma biografia" "INRREVERENTE" Se já é difícil, desenvolver uma peça, quando o drama está cheio de ação, manter o movimento em torno de uma con-

ferência dialogada, como vem a ser a maioria das obras de Shaw, é quasi genial". Paralelamente é o caso de Silveira Sampaio.

Cumpra ainda assinalar que o autor d "A garçoniere de meu marido", usando do diálogo como meio principal para movimentar suas figuras, não emprega a desonestidade dos autores insuficientes do gênero, arrumando malentendidos e forçando situações.

Façamos um breve resumo "Da necessidade de ser polígamo", deixando ao proprio leitor deduzir o valor do diálogo, que está inteiramente a serviço do movimento, nessa peça original e extravagante, onde Silveira Sampaio joga somente com um unico cenário, cinco personagens havendo um entre eles que é mudo, e outro que diz uma ou duas "falas".

1º ato — O marido (Petunio) consegue convencer a esposa (Marta) em trazer para o seu lar, a sua amante (Elvira).

2º ato — A esposa, seguindo o metodo do marido, também traz para casa o amante (Daliacopulus).

3º ato — A amante de Petunio — o herói — segue a mesma lógica dos personagens anteriores trazendo um outro seu amante (Freddy), iniciando por conseguinte um círculo vicioso. Petunio enlouquece.

Todos os atos, como não podia deixar de ser pela natureza da trama simples e exótica ao mesmo tempo, são ricos em diálogos e monólogos, onde há alterações de timbre de vozes, imitações e trejeitos, que ajudam artisticamente a evocar pessoas aludidas no texto, segundo os moldes expressionistas. A simbologia — recurso difícil — é empregado com felicidade pelo comediógrafo, dando assim maior amplitude ao tema debatido e uma area mais vasta que o realismo angular do palco.

As outras sátiras da trilogia, seguem roteiros diferentes mas com as mesmas características. Expressionistas, nelas predominam os acessórios evocativos, traduzindo modo de sentir do autor, numa operação inteiramente subjetiva; daí os contrastes luminosos, os choques, o telefone e a garrafa de uisque de tamanho desproporcionados, a incrível escaria d "A inconveniencia de ser esposa", as imitações de sotaques, trejeitos e jogos com o timbre voz, etc. etc.

Merece ainda um comentário a parte, o final "Da Necessidade de ser Polígamo". Petunio —o herói — quando se vê abandonado por todos, seu desespero incontido se exteriorisa por uma invocação á sua mãe. Todo encolhido, único em cena, se apequenando num grande sofá, pergunta: — Mamã... Mamã, onde estão os meus patins? ONDE ESTÃO OS MEUS PATINS?

Nesse remate da trágica comédia, Nicanor Miranda critico teatral do "Diario de S. Paulo" encontra semelhança ao fecho do sempre lembrando "City Lights" de Charles Chaplin. Nós também ousamos como o critico recordar nesse cair de pano dramático o mestre do burlesco — trágico da tela, o incompáravel Carlitos.

Estou convicto que a obra de Silveira Sampaio num futuro pouco remoto, estará disseminada, por ser realmente de grande valor artistico, e também pela grande facilidade que, mesmo os teatros materialmente pobres (mas espiritualmente ricos) poderão encená-las sem grande dificuldades.

(São Paulo)

Histórias naturais

Por JULES RENARD

(Excerptos)

Traduzido especialmente para "Sul" e "Página Literária"

ANDORINHAS

Elas dão-me a lição de cada dia.
Pontuam o ar de gritinhos.
Traçam uma reta, põem uma virgula na extremidade e, bruscamente, passam para a linha seguinte.
Entre loucos parenteses elas colocam a casa em que moro.
Muito vivas para que a água do jardim tire uma cópia do seu vôo, sobem da adega ao celeiro.
Com uma leve penada de aza, elas encandeiam rubricas inimitáveis.
Depois, duas a duas, em chave, juntam-se e fazem um borrão no azul do céu.
Mas só o olhar de um amigo pode segui-las e, se sabeis o grego e o latim, eu sei ler o hebraico que descrevem no ar as andorinhas da chaminé.

A BORBOLETA

Este amável bilhete dobrado em dois procura um endereço florido.

MORCEGOS

A noite se gasta de tanto se usar. Ela não se gasta no alto, em suas estrélas. Ela se gasta como um vestido que se arrasta por terra, entre os calhaus e as árvores, até o fundo das grutas malsans e dos subterrâneos húmidos.

Não há recanto onde não penetre uma franja da noite. O espinho a rompe, os frios a fendem, a lama a estraga. E todas as manhãs, quando a noite torna a subir, farrapos dela se desprendem, pendurados ao acaso.

Assim nascem os morcegos.

E devem eles a essa origem o não poderem suporta r a claridade do dia.

Ao sol posto, quando tomamos a fresca, eles se desprendem das velhas vigas onde, letárgicos, pendiam por uma garra.

Seu vôo desageitado, inquieta-nos. Com asa de barbatana e sem penas, palpitam em redor de nós. Dirigem-se menos servindo-se dos olhos feridos e inúteis que do ouvido.

Meu amigo esconde o rosto e eu desvio a cabeça com medo do choque impuro.

Conta-se que, com ardor maior que o do nosso amor mesmo, sugar-nos-iam o sangue até a morte.

Como se exagera.

Eles não são maus. Não nos tocam nunca.

Filhos da noite, só detestam as luzes e, tateando com seus pequenos chales fúnebres, procuram velas para apagar.

A ARANHA

Uma mãozinha negra e peluda crispada entre fios de cabelo.

A LAGARTIXA

Filha espontânea da fenda da pedra em que me apoio, ela sobe-me pelo ombro. Acredita que eu contínuo o muro porque fico imóvel e envergo um pelete da cór da muralha. Ainda assim lisongeia.

O muro — Não sei que arrepio me passa pelas costas.

A lagartixa — Sou eu.

A SERPENTE

Muito comprida.

O MARTINHO PESCADOR

A isca não foi mordida esta tarde, mas tenho a descrever uma rara emoção.

Quando eu mantinha estendida a vara da linha, um martinho-pescador veio posar nela.

Não possuímos ave mais brilhante.

Parecia uma grande flor azul na extremidade de uma longa haste. A vara vergava sob o peso. Eu não respirava mais, muito orgulhoso de passar por uma árvore aos olhos de um martinho-pescador.

E estou certo que não foi de medo que ele levantou vôo, mas crente que não fazia senão passar de um ramo a outro.

A PULGA

Um grão de tabaco com mola.

A DONINHA

Pobre mas assejada, elegante, ela passa e torna a passar, açs saltinhos, pela estrada, e vai, de uma valeta a outra, dar, de buraco em buraco, suas lições a domicílio.

N. R. — JULES RENARD (1864-1910) foi o que se pode chamar: um escritor naturalista. Mas longe de se filiar aos inúmeros discipulos de Zola e Flaubert, procurou e conseguiu, adotando modos personalísimos de tratar o assunto, criar um novo realismo dentro da corrente literária a que se filiara. Sua segurança de esteta e a perfeição de suas imagens lhe asseguram um lugar ao lado dos mais brilhantes estilistas franceses, ao mesmo tempo que o cunho auto-biográfico de que se revestem suas obras, seus sofrimentos transpostos para o papel e aprofundados ao máximo, do que é um exemplo "POIL DE CAROTTE", o consagram como penetrante e vigoroso escritor.

De suas obras poderemos citar, entre outras, "L'É-CORNIFLEUR" (1891), "LA MAITRESSE" (1896), "HISTOIRES NATURELLES" (1896-1904), "RAGOTTE" (1909).

Seu "DIÁRIO" que revelou ao mundo leitor o sentido profundo da obra de Renard, só foi publicado em 1927, quase vinte anos após a morte do grande escritor. Desde então, livros que eram do domínio de uma elite reduzida, são cada vez mais procurados e apreciados, e melhor entendidos. Hoje em dia Renard ocupa na literatura francesa posição privilegiada e seu valor já vai sendo reconhecido em outros países para onde foram traduzidos seus livros.

Em nosso idioma, de Renard, já podemos ler "POIL DE CAROTTE", tradução feita em Portugal com o título de "O RUIVO" e "LE PLAISIR DE ROMPRE", que a revista "SUL" lançou em primeira mão para os países de fala portuguesa, em tradução do dr. Hercílio Medeiros.

Agora, traduzidos das "HISTOIRES NATURELLES" publicamos estes excerptos, verdadeiras joias de literatura onde se pode admirar o esteta perfeito e o espírito penetrante que é Jules Renard.

FUENTE Y RAIZ

Matilde d'Espaux

Yo quiero ser tu fuente
para volcarme a tu tronco
como un río de vida.
Tú podrás inclinarte a mí
en un desmayo de amor.

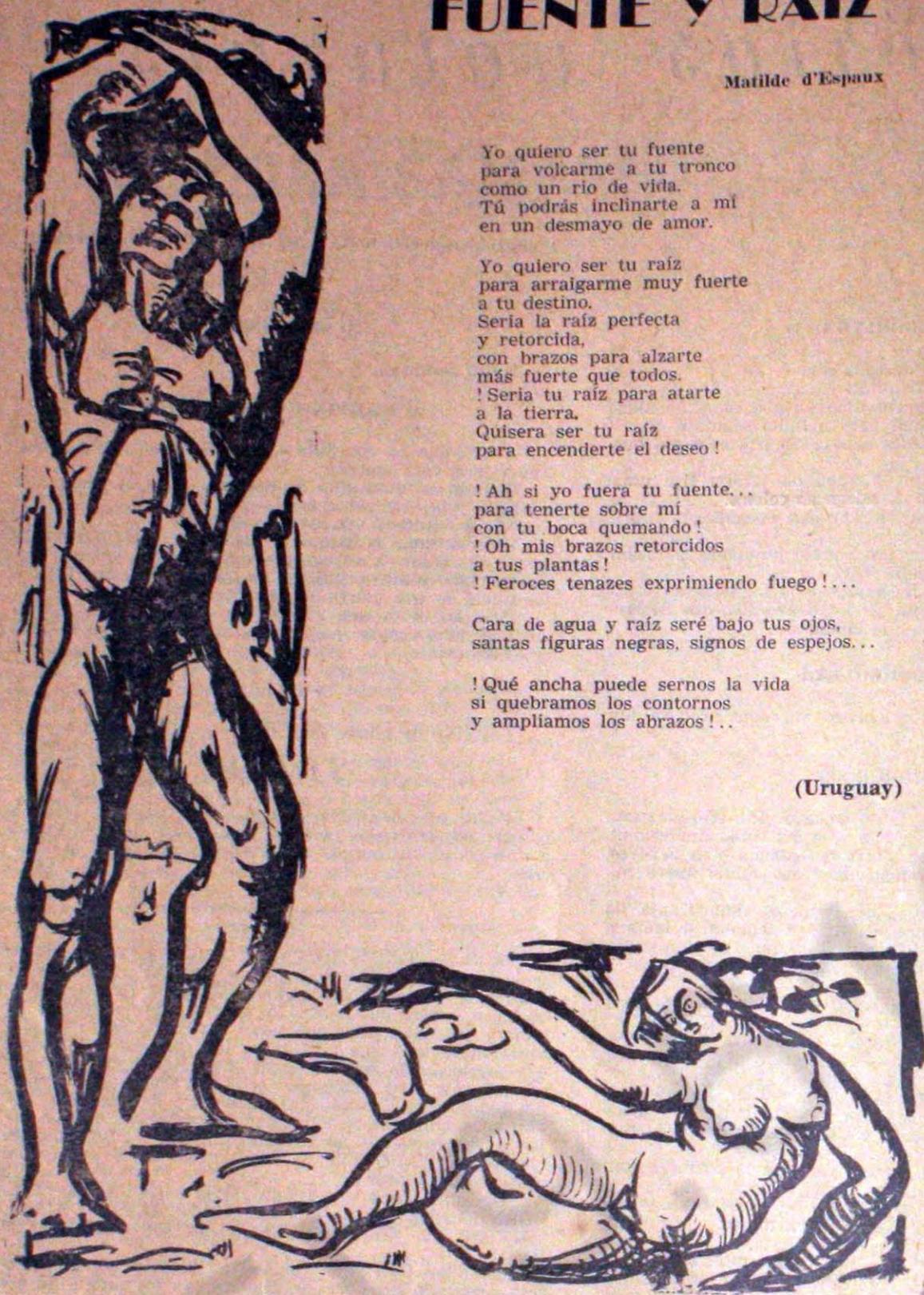
Yo quiero ser tu raíz
para arraigarme muy fuerte
a tu destino.
Sería la raíz perfecta
y retorcida,
con brazos para alzarte
más fuerte que todos.
!Sería tu raíz para atarte
a la tierra.
Quisera ser tu raíz
para encenderte el deseo!

! Ah si yo fuera tu fuente...
para tenerte sobre mí
con tu boca quemando!
! Oh mis brazos retorcidos
a tus plantas!
! Feroces tenazes exprimiendo fuego!...

Cara de agua y raíz seré bajo tus ojos,
santas figuras negras, signos de espejos...

! Qué ancha puede sernos la vida
si quebramos los contornos
y ampliamos los abrazos!...

(Uruguay)



Composição de
MOACIR FERNANDES

UM HOMEM MAU

(Pequeno trecho da peça em três atos: "Uma mulher original").

Ody Fraga

Personagens

Pershe
Golmo
Nonia

Cenário

Luxuosa sala. No fundo duas grandes portas, com simples e belos reposteiros. No meio, entre as portas, estante com livros. Sobre a estante grande quadro. À direita, janelão com delicadas e esvoaçantes cortinas. À esquerda, no primeiro plano, porta; no segundo, um pequeno bar. No meio da cena um sofá e duas poltronas, cercando pequena mesa. As paredes são de tom azul-claro, repoussante. Nota-se em tudo um bom gosto e um espírito aristocrático puro, sem snobismo.

Cena

Ao subir o pano Golmo está atrás do balcão do bar, batendo um cocktail e Pershe do lado de fora, sobre um tamborete alto.

PERSHE — É isto. O que eu quero é uma mulher original. Uma mulher fora do comum, desataviada, livre.

GOLMO — Mas em nossa sociedade abundam mulheres deste genero. Educadas, finas, possuidoras de bom gosto.

PERSHE — Ora! Mulheres de sociedade! Desta boa sociedade é minha esposa, e delas, uma só basta. Eu quero um tipo impar, singular, que não encontre uma equivalente nunca mais.

GOLMO — (Servindo o cocktail) — Por que não procuras então uma prostituta?

PERSHE — Olha! nos meretricios encontramos mulheres bem mais interessantes que as nossas belas senhoras de sociedade. Muitas das prostitutas em sua baixeza, em sua vulgaridade são, às vezes, bem mais singulares.

GOLMO — (Ambos dirigem-se para as poltronas do centro da cena. Pershe senta-se, Golmo fica de pé com o cálice na mão) — Mas meu amigo, tu andas um que tanto canalha. Precisas respeitar as mulheres da tua sociedade. — (pausa) — Talvez uma mulher excepcionalmente virtuosa tenha a originalidade que procuras.

PERSHE — Virtude! Virtude é uma coisa que as mulheres ostentam, mas não praticam. Já viste coisa mais monótona e medíocre que uma mulher virtuosa?

GOLMO — Mas isto é demais! E tua mãe?

PERSHE — Que tem minha mãe com isso?

GOLMO — Tu falas muito generalizadamente. Esqueces ser tua mãe também mulher.

PERSHE — Eu não isento minha mãe das minhas idéias.

GOLMO — Oh! Tu és irritante. Ela contudo, apesar de tuas idéias, é uma senhora de rara honradez e virtude.

PERSHE — Também! Com quase sessenta anos...

GOLMO — Mas até a mulher que te deu a vida?

PERSHE — E daí? Não vais dizer que eu sou culpado disso.

GOLMO — Tu és um desnaturado. Uma senhora tão distinta, que vive só para os seus filhos...

PERSHE — (Levantando-se e o interrompendo) — Olha aqui meu amigo! pensas estar eu aqui por uma vontade expressa de minha mãe de exercer uma fecunda maternidade? Achas que eu existo porque meus pais, o quiseram? Nota bem, eu sou o sexto filho.

GOLMO — Como não?

PERSHE — Deixa de ser bobo! Houve um pequeno erro de cálculo e bum! Eu nasci.

GOLMO — Mas tu és revoltante! Afinal de contas és um homem casado. Até tua própria esposa é atingida por tuas idéias?

PERSHE — Porque não?

GOLMO — (Sentando-se com um sorriso sarcástico, como se tivesse encontrado um argumento fulminante) — Supõe que ela tivesse um amante?

PERSHE — Ela tem!

GOLMO — O que?

PERSHE — Sim, ela tem um amante. Porque não? Primeiro não sou um marido enganado porque sei a verdade. Segundo eu também tenho um amante. Vês como a coisa é simples? Nós nos entendemos muito bem. Isto evita o tédio, a monotonia. Ah! meu amigo, tu não conheces o valor da Santíssima Trindade.

GOLMO — Mas isto é abominável...

PERSHE — Vem cá. Tu não tens uma amante?

GOLMO — Tenho...

PERSHE — E porque é que tua esposa não pode ter o seu amante?

GOLMO — Mas isto no homem é natural.

PERSHE — Ora! Deixa de ser tolo. Como é natural que sejas amante da esposa de outro, também é natural que outro o seja da tua. Não é simples? Humano? Por que teimas em complicar as coisas?

GOLMO — Mas a minha honra?

PERSHE — Tu lá tens honra? Honra é uma bela coisa para se fazer discurso. Para se usar na lapela com o distintivo do clube a que pertencemos, mas não a levamos a sério. Honra é para ser usada como título, assim como aparecem certos nomes: Dr. Fulano de Tal, da academia tal, da sociedade tal, membro disso, correspondente daquilo e no final de contas, não passa de um brilhante analfabeto.

GOLMO — Não é possível que um industrial respeitável, um homem de altos negócios...

PERSHE — Por favor Golmo, deixa de ser inocente. Eu sou um "tubarão" como tu, e os empregados e operários de minhas fábricas que deem graças por eu poder me manter como "tubarão", porque quando eu cair tragado por outro "tubarão", que podes ser tu, o tombo deles será muito pior.

GOLMO — Tuas idéias não são compatíveis com tua posição...

PERSHE — Mas são consequentes com minha fortuna. O dinheiro transforma um idiota em grande homem, em inteligência impar, e outras bobagens mais; o meu permite que eu diga o que quero.

GOLMO — Se todos, ou pelo menos muitos, fossem como tu, seria a ruína dos bons costumes. Tuas idéias põem em perigo o mais santo fundamento da nossa sociedade: a família.

PERSHE — Sim. A briga, a rivalidade, a inveja, a cubícia, todos os males da sociedade, nascem dentro deste belo fundamento: a família. Mais tarde é que tomam vulto, quando o indivíduo participa da luta comum.

GOLMO — Que exemplo darás aos teus filhos?

PERSHE — Meus filhos? Eles aprenderão o que devem ser desde pequeno. Serão educados sem ilusões e sem bobos ideais. Aprenderão a viver em função do momento.

GOLMO — Mas onde iremos parar com toda esta falta de respeito às instituições cristãs?

PERSHE — Isto já está enfadonho, Golmo. Afinal de contas eu estava falando no meu desejo de encontrar uma mulher original e tu me vens incomodar com a tua moralidade.

GOLMO — Esta mulher nada mais é do que outro de teus caprichos imorais.

PERSHE — Ora Golmo! A minha mulher original é muito menos imoral que a tua Babá. Aquela gatinha que tu lambes apoplético e te carrega com uma fortuna mensalmente.

(Golmo vai remponder com vigor, quando entra Nonia, sua esposa. Vem por uma das portas do fundo. É bela e de maneira requintadas. Veste com simplicidade e gosto).

NONIA Olá! Estão brigando novamente?

GOLMO — (Caminha ao seu encontro e beija-lhe a face) — Estava revidando as barbaridades que diz Pershe, querida.

NONIA — Então Pershe, quais são as mostruosidades de hoje? (Vai tirando estes pequenos apetrechos que as mulheres usam quando saem e se põdo à vontade).

PERSHE — Nada grave. Teu marido é que quer, por força, ser um puro, quando não passa de um grande sujo.

GOLMO — Sujo? Seu iconoclasta, dest...

NONIA — (rindo) — Bem, bem, basta por hoje. (olhando o relógio) — Já é hora de te arrumares, querido.

GOLMO — (Olhando também o relógio) — Ah! Sim! O jantar na casa dos Sousa. Mas antes tenho de dar umas ordens ao meu secretário. Desculpem um momento. (Sai pela porta do primeiro plano, à direita).

NONIA — (Assim que ele sai joga-se nos braços de Pershe, entregando-lhe os lábios) — Porque não foste ao nosso encontro? Esperei-te quase duas horas...

PERSHE — Não foi possível, filha, teu marido não me largou durante toda a parte.

NONIA — Mau.

PERSHE — Como filha? O teu marido é uma ostra.

(Beija-a e acaricia-lhe os cabelos) — Nonia?

NONIA — Hum?... (Pershe dá uma estrondosa gargalhada).

ERA IGUAL AOS OUTROS

SALIM MIGUEL

Era um dia comum, igual a tantos outros, banalíssimo, sem nada, mas absolutamente nada de importante. De uma insignificância total. Um desses dias que se perdem no meio dos outros, que não se diferenciam dos demais por coisa alguma e onde nada é possível destacar. Era um diazinho bonito; porém nem mais nem menos do que a maioria. Lembrava essas pessoas que se perdem na multidão, que são ela, não se salientando por coisa alguma.

De tarde. Eu estava sentado ali no bar, bebericando uma cervejinha, quando o homem entrou. O bar via-se quase. O homem circunvagou um olhar demorado por todo o local. Depois chegou-se, sentou à minha mesa, com a maior sem cerimônia deste mundo, não me disse nada, chamou o garçon, pediu um copo, eu só observando pois sempre me agradaram êsses tipos, virou da minha garrafa de cerveja, nem me olhou, bebeu estalando os lábios, saboreando, deliciado. Então começou, assim como quem prossegue uma conversa interrompida inda agorinha:

— Lindo dia, ein, lindo dia! Lindíssimo, belo e bom; generoso dia!

— Mas... quis eu lhe retrucar abismado ante a intromissão, não sabendo que atitude tomar, pois o tipo me estava interessando.

— Veja que sol, que luz, que ar límpido, que...

— Mas...

— Já sei... já sei... O senhor quer... pois não é?

— Eu...

— Mas se acalme, deixe que lhe explique minha teoria, deixe que lhe conte...

— Contar?

— Quer! Quer!, não é? Vejo, quer!

— Eu...

— Pois é... Foi ontem ou hoje, não sei bem, o tempo está desaparecendo para mim. Mas foi hoje, sim imaginemos que foi hoje, torna as coisas mais fáceis, não é, sempre será hoje, só o hoje é, existe. O passado é memória mais ou menos lúcida, é lembrança que se apaga ou fica. O futuro é incognita e sonho. Por isto repito: só o hoje é. Não concorda?

— Não sei... eu... mas...

Ele porém não permitia completar pensamento ou frase. Interrompia. A princípio fiquei meio assustado. "E se é..." pensei. Eu devia ter chamado alguém e botar êsse sujeito pra fora. Depois resolvi deixá-lo falar. Era o que o homem queria. E como eu tinha tempo de sobra...

Começou:

Atordei cedo, depois de uma noite mal dormida. Veja: Ansado, indisposto, com algo inexplicável querendo surgir. Mas não estranhei. Ao contrário. Há vários dias que me achava assim. Doença. Convalescendo.

Levantei-me, percorri a casa, via-se, sem um som, uma voz, o menor ruído. Não sei porque temi aquela paz, aquela casa que se me afigurou morta. A velha que cuidava da arrumação e a enfermeira que me trata ainda não haviam chegado. Só meus passos reboavam na casa. Parei. Silêncio. Lembrei-me de não sei que poeta dos tempos escolares: "E o silêncio se fez completo na mansão da morte". Mas felizmente por pouco tempo. Antes que o medo me dominasse totalmente o silêncio foi quebrado. Eu o senti se quebrar. Com um estrondo assim como se quebra uma barra de gelo. Eu senti, lhe afirmo. Pois lá fora começava a labuta de sempre. Que aos poucos aumentava. Senti-me prisioneiro libertado. Da janela para onde acorri vi os vultos que passavam para um lado e outro. E isto afastou o medo, me deu coragem. Foi uma lufada de ar fresco empurrando para longe a neblina da mente. Aspirei forte. E me senti outro, inteiramente outro. Em tudo. E tudo surgia novo para mim, nascia. Ou renascia. Talvez eu é que estivesse nascendo. Qual será? Eu, assim de repente, via tudo com outros olhos, novos e melhores.

Senti uma piedade imensa por aqueles vultos que passavam. Não me reconhecia mais. De normal sou áspero e rude, ríspido para essas sensibilidadezinhas humanas. O homem, acho eu, deve ser um forte. Só êste vence. E merece louvores. Mas nesta manhã eu me encontrava outro. Desejaria gritar ao mundo todo o meu amor recalçado, aliviar-me, ser bom, com os outros meus irmãos do mundo. Calei-me com medo do ridículo. E fiz meu discurso em silêncio, prá mim mesmo. Lá de cima, da janela, olhando o mundo que passava. Minha oração de paz e fé se dirigindo a todas as coisas, rolando em catadupas... dentro de mim.

Fiquei ali, alheiado, tonto. O movimento lá fora aumentava. Era a luta de sempre, infrutífera mas bela. Senti inveja dos homens que nada pensam, porém vivem. São os únicos felizes.

Continuava me desconhecendo. Cada vez mais. Quem era êsse "eu" que agora surgia? De que mais profundo do subconciente viria êle? E para que? Com que finalidade? Um eu inteiramente diverso que sentia piedade e depois inveja dos homens. Se ingualava a êles. "Era igual aos outros". Eu. Que estaria me sucedendo?

O movimento lá fora continuava aumentando cada vez mais. E o rumor invadia a casa até nos menores recantos. Saí da janela, entrei, tomei o meu banho costumeiro, fiz a barba, me olhando muito espantado ao espelho. Mas êste sou eu? refletia abismado. Me via com outros olhos, talvez mais humanos, estava gostando da minha fachada, quase digo fachada nova, admirava os cabelos, os olhos, o nariz, a boca, com um carinho novo e bom. Passava as mãos nas faces, sentindo o calor tépido das palmas, a maciez da própria pele. Desejaria que estivesse alguém ali. Simplesmente para lhe falar. Um amigo, conhecido, uma pessoa qualquer para quem eu me virasse e olhasse. Só isto. Ou então uma mulher com quem eu pudesse trocar bobagenzinhas íntimas, dizer pequenas delicadezas, apalpá-la e deixar que me acariciasse. Ninguém. E me lembrei, só então, que a enfermeira não viera me dar a injeção. Nem a arrumadeira tão pouco cuidar da casa. Pensei no porque. Um minutinho só. Não liguei muito. Logo me esqueci. Não pensava muito bem no que me sucedia. Êsse ataque de vida que toma assim de repente que será?

Olhei com novos olhos pra tudo. Percorri o quarto, falei-lhe como se êle me entendesse, da mesma forma que a um amigo íntimo. Que a muito tempo não se vê e agora nos deixa um tanto enleados. Mas a doença me deixara fraco. Senti-me muito cansado, assim de imprevisito, sem esperar, desejoso de voltar à cama e dormir, dormir. Num desalento completo que contrastava com o entusiasmo berante de inda a pouco. Resisti ao desejo do sono, ao chamado insistente que me fazia. Um medo pânico de dormir e não acordar. Ou pior: acordar e não me encontrar, não encontrar mais êsse "eu" novo que tanto me agradava. Forcei-me. Expulsei o sono. Despi o eu velho como se despe um casaco antigo e indesejável. Incômodo. Queria dá-lo a alguém, esquecê-lo. Ficar com o novo. Mas temia ao mesmo tempo, que esquecendo o velho eu, me esquecesse de mim mesmo; não, não me explico bem, não é bem isto, não era de mim, de mim puro e só, mas das várias coisas que me formavam, que eram eu e minha personalidade; êsse todo composto de infinitas insignificâncias que forma uma pessoa. Mas ainda não me explico como quero. Veja: Você quer ser êsse você novo, mas sem perder o velho. No entanto "não é" o velho misturado ao novo. Tem cabimento? Me diga.. Queria fugir de mim, encontrar e guardar êsse novo eu, sem me perder.

Será que entende o que digo? Talvez não. Como explicá-lo melhor porém, se eu mesmo muitas vezes não entendo? Mas que digo? Eu entendo! Basta.

As vezes me parece que sou criança que observa pe-

la primeira vez o mundo e se abisma diante de tudo. Como porém se já nasci velho?

Me recordo, recorro ao poeta:

"Nós somos trezentos

Somos trezentos e cinquenta."

E isto me reconforta. Mas só por pouco tempo. Pois não era isto: eu não queria ser estes trezentos nem trezentos e cinquenta. Eu seria eu, sendo diferente, sendo um outro em cada situação diversa. Para cada situação nós somos um "eu"; sendo sempre o mesmo. Os outros "eus" nós mesmos se afastam, em expectativa, a espreita, dando lugar a esse eu que deve agir de acordo com as circunstâncias, mas prontos para intervirem, ocuparem o posto à menor vacilação. Não era tal que eu queria. Eu queria ficar com esse eu de agora, o novo, que me fazia tão em paz com tudo. Tê-lo como base, como vigia mestra. Queria que desse eu nascessem para todas as situações, à medida que fossem precisos, os trezentos, os trezentos e cinquenta. Entende? Não me julga louco? Mas então me diga: e o outro eu, o antigo, onde fica? E quem estará aqui falando agora? Qual dos dois sou eu neste momento?

Com tais elocubrações doidas a cabeça me ardia. Não se esqueça que eu estava fraco da recente doença. Então já começara a fazer trapalhada. Confusão. E tudo era por vezes tão lógico quanto em outras absurdo. Dei em percorrer a casa, procurando paz pelo esgotamento, já agora desejando o sono que se negava. Dormir. Esquecer. Dormir mesmo que não acordando. Ou acordar esquecido de tudo. Não dormi. Nada adiantou me forçar. Falei comigo mesmo, com as paredes, os móveis, os livros, todas as coisas que me rodeavam; olhei para os lados, a procura no antigo estado de ânimo — **antigo e tão novo** — esse que inda a pouco tanto me agradara, mas que, covarde, se fôra, cedendo lugar ao antigo dono. Chamei-o de novo, intimei-o. Ele voltou presto, se postou ao meu lado, me tomou pela mão, me conduziu, tomou conta de mim. Recebi-o alegre, como a uma amiga muito querida — deixei que fosse eu.

Penso que neste ponto já delirava. Pois veja: Estávamos num restaurante de luxo. Onde tudo era diáfano e belo. Onde tudo pairava no ar: as coisas aconteciam só em as imaginarmos. Sentei-me para comer alguma coisa. Pedí iguarias finas, me ofereci vinhos caros em calices de cristal muito longos, desejei coisas absurdas, me tratando com estranha delicadeza, com atenção infinita. Eu recusava; só para ter a satisfação de me oferecer de novo, me obrigar a comer e beber. Belisquei somente. Num fastio, num enfartamento completo. De quem tem tudo e não sabe o que fazer. De quem tem todos os desejos satisfeitos e por isto vive numa completa desilusão. Num tédio mortal. Que fazer? Que tentar? Nada. E então fiquei ali estirado na poltrona ouvindo a música que se evolava dos instrumentos invisíveis, fininha e cariciosa, criando forma. Se materializava. Era um vulto feminino como outro não pode haver. que se foi chegando maciamente, se me oferecendo. Mas continuava sendo só música que me entrava pelos olhos. Eu queria avançar...

Então neste ponto voltei do devaneio, me ví no quarto, muito ridículo no meu roupão de cores berrantes, a estender os braços. Ergui-me, fui à cozinha preparar o meu modesto café com pão e manteiga. Não comi. Não sei porque. Encontrava-me farto.

Uma felicidade estranha, completa e dúbia, desceu sobre mim, me possuiu. Sim, não faça esses olhos arregalados, não fuja. digo dúbia por falta de termo melhor. É que não sei como explicá-la. Não era dessas nossas felicidadeszinhas comuns de todo dia. Não! Era algo muito mais complexo. Fiquei-me a perambular pela casa, longo tempo, dum lado pro outro, a mexer aqui e ali, a olhar uma coisa e outra. Uma ansia de não sei bem o que me dominou. Vi-me tolhido. Fiz um esforço tremendo. Lufadas rápidas de felicidade e desespero me visitavam. Vinham e se iam quase em seguida, sem me darem tempo nem para respirar. Pensei enlouquecer. Era um rodãozinho na minha cabeça. Que aumentava, aumentava sempre mais e mais de velocidade. Apesar da fraqueza apronte-me e sai. E deixei para traz, com a casa, todos os complexos. Ainda quiseram me acompanhar um bocadinho, mas eu não lhes permiti. E ficaram lá no portão, no outro mundo, me chamando, gritando, a estender os braços ansiosos...

O dia me pareceu belo como nunca. Olhei o sol, as aves que voavam no céu azulado: ví, parecendo-me que era pela primeira vez, as árvores com seus ramos abertos e erguidos para o alto, em perene súplica; mirei as cascas que se alinhavam muito pacholas e satisfeitas da

vida ao largo das ruas, todas se protegendo umas às outras; admirei tudo que vive e está. Os homens me pareciam todos irmãos, a andar ali pelas ruas, com suas fisionomias tão puras, onde não se diria escondiam nada. Os sentimentos à flor da pele, a se auxiliarem mutuamente, sem falsidades nem egoísmos. Desejei viver com eles, falar-lhes, adquirir essa alma coletiva da multidão, sempre tão simples e boa. Eu me sentia ingenuo, irmanado a todos. Mas eles passavam apressados. Sem me ver, sem me prestarem a menor parcela de atenção. Com a inconsciência das multidões. Você já notou que na rua ninguém se vê! São todos cegos e mudos. Mas atentos ao menor rumor e prontos a comentá-lo. Por que será? Vivemos isolados em meio à multidão; e quanto maior esta é, mais solitários nós estamos. Nossos anseios de compreensão se perdem como uma gota d'água no oceano.

No entanto, acho, todos deviam se deter, trocar abraços fraternos, falar, dizer o quanto é belo estarem unidos, uns junto aos outros. Os homens deviam parar, observar a natureza, a si mesmos, rir com os demais. Por que terão esquecido o riso? Porém eles passavam. Indiferentes, despreocupados com os seus dramas. Esquecidos de viver. Automatizados, mecanizados. Veja: choro. Não me envergonho. Pois o que me faz chorar é ver que os homens se estão transformando em meras máquinas. Máquinas de comer, dormir, sofrer, chorar, lutar, sonhar, amar, tudo. Eu me perdia em meio a maré humana. De homens máquinas. Bracejava por me fazer entender, me libertar. Em vão. E fui me deixando levar não sei por quanto tempo. Até que por fim, consegui me livrar. Com muito custo. Mas verdade verdadeira, eu já não me preocupava muito. Depois de certo tempo, bem entendido. Via a inutilidade de tudo. Me convencera. E por isto, à margem, parado, deixava-os passar; olhava-os complacente e compadecido. Eram meus irmãos extraviados nos meandros do mundo e de seus egoísmos. Sentí infinita piedade, lamentei que eles não parassem um minutinho só para meditar, não vissem a vida. Mas pensei: eles a vivem, eu a vejo. Qual será o melhor? Dúvida. São máquinas que vivem a vida; eu sou máquina pensante, que penso a vida.

E agora já era o antigo eu que mandava, tendo o novo se afastado. Depois de uma luta travada no meu íntimo enquanto caminhava pelas ruas da cidade. Quem me olhasse nada notaria. Eu era uma pessoa comum, igual às outras, que me perdia no meio das outras, que não me diferenciava por nada, mas absolutamente nada; um tipo até meio vulgar, entrocando, com ares de gorila. Pensei: com quantos não se dará o mesmo? Aquele senhor que passa ali, que é "multidão", quem sabe se ele também não terá os seus dramas íntimos, os seus complexos, a sua tragédia? Que não esconderá debaixo daquele ar tão burguez e pacato? E então de novo, via tudo sob outro aspecto. Notava que "a multidão" é composta de indivíduos como eu talvez, como aquele senhor que passava ali. E essa coisa tão simples era o meu ovo de Colombo.

Chamei de volta o "eu" novo. Despedi o velho, medido a filósofo. E veio o novo. Veio e viu a beleza da tarde, o sol, o vento e as árvores, os pássaros, a terra boa, os homens irmãos. Você já imaginou os homens deixando as preocupações, deixando as cidades com seus tumultos e ar viciado, sendo menos formiga e mais cigarra, vivendo calma e pacificamente. Mas não, vejo, você é cético e cínico, você não imaginou tal coisa nem imaginará jamais. Nem isto que quero se dará jamais, concedo. Mas não custa imaginar. Ria. Você é como o meu outro eu. Como os homens. Me julga doido. Me chame utópico a sonhador. Vamos. Talvez eu o seja. Quem sabe. Mas prefiro minha loucura à sanidade de você. E não me retruque. Não me contrarie. Estou com a razão. Sei. Por que ri? Veja: Sou 2; sou duas vezes trezentos, trezentos e cinquenta. São duas forças adversas atuando em mim, se atraindo e rejeitando. Repulsa. Ambas as duas querem mandar. Mas lutam sempre, se divertem torturando. E eu não quero perder nenhuma das duas; ao mesmo tempo que as odeio. Percebe? Não, estou vendo. Você com sua pacatez bem burgueza e feliz não tem dramas; não me acredita. Pensa que estou brincando ou delirando. Me atura por compaixão. Acha que estou me contradizendo e a falar bobagem. Você só acredita nas coisas concretas, palpáveis, objetivas. Mas lhe juro: Também o que trazemos dentro de nós, as coisas mentais, são concretas, palpáveis e objetivas. Tanto ou mais que as físicas. Lhe explico: Eu...

Ouvindo Moacir Fernandes

Por ÉLIO BALLSTAEDT

Ouvir um artista é sempre o melhor meio de se penetrar na intimidade de sua arte, de conhecê-la mais a fundo. É também, uma maneira de se alargar conhecimentos. Por isso, julgamos de interesse para nossos leitores, curiosos das coisas do espírito, reproduzir aqui alguns dos conceitos de Moacir Fernandes sobre Artes Plásticas. São palavras escutadas em conversa, nas mais desencontradas ocasiões, assuntos ventilados ao acaso, mas pela transcendência que encerram, para a compreensão do artista e sua obra, merecem ser reproduzidos.

EVOLUÇÃO PARA O MODERNISMO

Moacir Fernandes, todos o sabem, como aluno da Escola Nacional de Belas Artes, foi dos melhores que por lá passaram. Conquistou a PEQUENA e a GRANDE MEDALHA DE OURO, esta, a distinção máxima concedida a um aluno. Concorrendo aos salões oficiais, também não foram menor seus sucessos. É detentor de "MENÇÃO HONROSA", MEDALHA DE BRONZE e MEDALHA DE PRATA (hors concours) sendo a conquista desta última a única condição exigida aos artistas para que possam concorrer ao prêmio de "viagem à Europa", ambição máxima de todos os expositores.

Como se vê, o Moacir acadêmico era dos melhores que por aí existem. Sabia, às mil maravilhas, modelar com perfeição uma cabeça, um torso. E foi assim, acadêmico, que o conhecemos. Todos devem estar lembrados de sua primeira exposição em Florianópolis, onde, em suas esculturas, não havia o mínimo vestígio de tendências modernistas.

No ano passado, apresentou-se o jovem escultor ao nosso público, novamente. Mas desta vez completamente mudado. Desde seus desenhos, suas pinturas, até às esculturas, tudo notadamente moderno. Havia até telas que beiravam o abstracionismo. Lembro-me, então, que um admirador da antiga arte de Moacir, evidentemente espantado com a mudança, acercou-se da roda que fazíamos em torno ao jovem escultor e, apontando em derredor, perguntou: —

— Quem lhe botou na cabeça que isto é arte?

Em resposta ouvimos:

— Dentro do academismo cheguei a um ponto em que modelar deixou de ser para mim uma necessidade de espírito para ser uma simples demonstração de habilidade, de aplicação dos truques aprendidos e nada mais. Ora, todos nós, que nos julgamos artistas, sentimos a necessidade de criar, de fugir da imitação, e só através da pesquisa e de lutas incessantes contra a matéria informe que é a pedra, isto se torna possível. Eis um dos motivos por que abandonei o academismo. Por outro lado, os mais avançados escultores da atualidade já conseguiram obras notáveis dentro das modernas tendências estéticas e ridículo seria se eu não procurasse assimilar estes novos conhecimentos, alargando meu campo de trabalho, e continuasse obstinadamente preso a convenções ocas e sem significado. Sou modernista não porque isto seja bonito, porém, mais profundamente, por imposição do meu espírito e temperamento.

SÓBRE A ESCOLA NACIONAL DE BELAS ARTES

Não inteiramente convencido o interlocutor de Moacir achou meios para retrucar:

— Quer dizer que você repudiou a tudo o que aprendeu? De nada adiantou sua passagem pela escola... — Bem, aí um erro lastimável. É claro que o artista não pode nunca estacionar, mas para que ele possa progredir com sucesso, é necessário que tenha suas bases. Não se pode ser moderno sem um conhecimento elementar da arte que se pratica. E este conhecimento, deu-mo a Escola Nacional de Belas Artes. Lá, aprendi o abc da escultura, o que se pode aprender da arte, a técnica, o artesanato. O resto depende de mim. Únicamente de meu talento. Todos conhecem a história do aprendiz de feiticeiro. Estudou laboriosamente todas as regras necessárias, mas jamais pode ser feiticeiro. Faltava-lhe o essencial, as condições inatas. O mesmo se pode dizer do artista, em meu caso, do escultor. Na escola, aprendemos as regras do jo-



Composição de Moacir Fernandes

go, os recursos de que podemos dispor. E só. Tudo o mais depende de nosso valor.

Eu não repudiei o que aprendi. Apenas estou tentando usar este conhecimento da melhor maneira possível.

UMA DEFINIÇÃO

Desde sua primeira mestra de arte, onde estava, escultoricamente, preso às convenções acadêmicas, até à liberdade de expressão que atualmente Moacir Fernandes já demonstra possuir, um longo caminho foi andado. Muita expurgação do brilho fácil, da sedução momentânea, do sentimentalismo balofo que agrada ao grande público.

— Não me seria difícil fazer arte para o povo, ironiza Moacir. Conheço um pintor cujos métodos jamais falharam. Para uma casa nova, tinta vermelha no telhado. E para realçar o quadro, torná-lo agradável aos olhos, tinta verde na parede, na grama ou na floresta, conforme a localização da casa. E assim, debaixo de fórmulas, vai o homenzinho alcançando sua fama.

Porém, Moacir é consciente e não se afasta de sua concepção de arte, para, dessa maneira, agradar. O que lhe interessa é a simplicidade, o aprofundamento na essência do belo que é simples mas profundo. E nessa altura, Moacir explica:

— A escultura é um ovo de galinha, simples e com vida interior. Não é apenas a forma geométrica, a perfeição das linhas, o simples construtivismo. Vai além, deixa transparecer através da perfeição formal, a vida que lateja no ovo a vida que o escultor transmite ao seu trabalho, tornando-o humano e, além de humano, artístico.

Fora disso não há solução. Tudo é blague, tudo é pseudo-arte feita para a emoção fácil de um público requintado e elegantemente ignorante.



Escultor MOACIR FERNANDES

DA INCOMPREENSÃO DA ARTE MODERNA

Há no Rio de Janeiro um periódico que faz aos intelectuais e artista a seguinte pergunta:

— Quais as causas da incompreensão da Arte Moderna pelo público?

Foi justamente o que nossa curiosidade, certa vez, indagou de Moacir Fernandes.

E a resposta veio, irreverente:

— Nenhum movimento de vanguarda, ao que eu saiba, recebeu, de pronto, a aceitação de público. Este, precisa antes, aprender a ver (Moacir dá uma entonação especial à frase). Porém, no caso das diversas tendências estéticas que englobadamente são chamadas de "arte moderna", a reação continua, apesar desta arte já ser o seu tanto antiquíssima, devido à atividade de certos "mamutes intelectuais", gente pré-histórica, que, infelizmente, continua a ter peso sobre a opinião geral e serve como elemento de coerção.

No entanto, o povo em geral, aceita muita coisa moderna. Mas, caso interessante, ele aceita se ninguém o pôr de sobreaviso, dizendo-lhe que aquilo é modernismo.

Daí, o fato de eu repetir sempre: Arte moderna, para o povo, é somente o que ele não gosta ou não pode compreender.

Muito teríamos ainda a dizer, a respeito das idéias de Moacir Fernandes sobre artes plásticas: O que ele pensa de certos artistas modernos como Picasso, Braque, Di Chirico si suas teorias e conhecimentos sobre o abstracionismo. Como fala mal de Osvaldo Teixeira, e da "cervejaria de Munich", representantes do academismo no Brasil. Falaríamos de seus conceitos a respeito da arte grega e contemporânea, e de tudo o mais.

Tudo isso, se o espaço que nos é reservado nesta folha já não estivesse sendo ultrapassado.

Porém, embora pouco, cremos que o que deixamos dito seja suficiente para afirmar de Moacir Fernandes o que de Bruno Giogi disse Mário de Andrade:

"... é uma teoria escultórica de si mesmo."



"As Suplicantes" — Zincogravura de Moacir Fernandes

Palavras pronunciadas por H. J. Koellreutter, por ocasião do encerramento do Primeiro Curso Internacional de Férias "Pro Arte", em Teresópolis

N. da R.: Esteve de passagem por esta capital, em viagem para Brusque, Blumenau e Joinville, onde irá realizar palestras sobre música e teoria musical, o professor H. J. Koellreutter, dirigente do grupo "Música Viva", da capital da República.

H. J. Koellreutter, que regressava de Montevidéu e Buenos Ayres, onde realizou cursos rápidos de teoria musical, manteve-se em demorada palestra conosco. Falando-nos longamente da sua participação nos festivais da biennial de Veneza, uma das coisas mais impressionantes já vistas — nos disse ele.

Dos novos músicos brasileiros que pertencem ou pertenceram ao grupo "Música Viva", citou especialmente Guerra Peixe e Claudio Santoro, como nomes que já ultrapassaram as fronteiras do país. Além deles, Eunice Catunda, Edino Krieger, etc.

Para o início do Próximo ano, da mesma forma que este, será realizado em Teresópolis o "2º Curso Internacional de Férias Pró Arte", para o qual além de professores serão convidadas diversas pessoas do exterior.

Do primeiro realizado em Jan.-Fev. de 1950, H. J. Koellreutter nos deu, para publicação, o discurso de encerramento, que abaixo transcrevemos:

Encerrando o PRIMEIRO CURSO INTERNACIONAL DE FERIAS realizado no Brasil, é com imenso prazer que agradeço a todos os docentes, estudantes e colaboradores o espírito de lealdade e de cooperação com o qual — não raramente com a negligência de seus próprios interesses — fizeram possível o brilhante êxito desta iniciativa a qual muito excedeu as expectativas de todos nós. Não por último, devo agradecer à população desta bela cidade a compreensão, a confiança e o interesse com que seguiram e apoiaram a realização da talvez mais importante iniciativa tomada na vida artística do Brasil nos últimos decênios.

Digo "da talvez mais importante iniciativa", pois não tenho dúvidas a respeito da importância decisiva que os Cursos de Teresópolis terão para o ensino artístico em nosso país. Sei que com este empreendimento lançamos um movimento de renovação que, com o tempo, afastará a tirania do doutrinário acadêmico, que ainda vive nas esferas de ensino de muitos países de cultura, e com este todas as normas restritas e antiquadas, sob as quais ainda se abafam e esmagam as tentativas de emancipação as quais quer chamar o "direito sagrado" do jovem artista brasileiro, pertencente a um povo novo, cuja vida cultural começa a afirmar-se num sentido atual e moderno. Nosso objetivo é reagir, na medida de nossas forças, contra a sujeição do passado sobre o futuro, do dogmatismo sobre a liberdade.

Sei perfeitamente que tal movimento será combatido pela tradição que entre nós — como em outros países de cultura — encontra um reforço na organização dos Conservatórios e do ensino oficial. Esta tendência retrógrada exerce sobre o progresso influência tanto mais nefasta, quanto não a percebem mesmo a maioria dos que a sofrem. Os jovens artistas, sem educação filosófica e estética, encontram, instalados nas escolas e no meio em que vivem, uma porção de prejuízos acadêmicos que os dominam e arrastam, antes mesmo que eles tenham cuidado de refletir sobre estas coisas e de formar suas convicções pessoais.

Também em nosso país, a educação — no que concerne às artes — é baseada quase exclusivamente na admiração e imitação do passado. O instinto do progresso é combatido, desde a infância, pelas forças organizadas da sociedade, nas Academias, nos Conservatórios e fora delas; o que causa espanto, é que esse instinto seja dotado de tamanha vitalidade que não pode ser abafado pela conspiração dos inimigos coligados.

As grandes épocas artísticas foram épocas de liber-

dade. Nos belos tempos da Grécia, como nos da Renascença italiana; na França da Idade Média, como também mais tarde na Holanda emancipada, os artistas puderam trabalhar à vontade, sem que nenhum dogma estético se impusesse à sua imaginação, sem que programas oficiais lhes coibissem o voo estético.

Temos que trabalhar arduamente pela propagação e defesa da tese fundamental de que, sem independência, não há arte nem artistas; pois, o efeito da liberdade revela esta característica insuperável na arte que é a originalidade individual.

Não é possível que os jovens — ingressando na escola com os melhores instintos de independência e de sinceridade — saiam dela submetidos à rotina, despersonalizados, perdidos para a arte, esforçando-se para abafar o clamor de sua própria natureza, afim de escutar o do mestre. Não é justo que os alunos, já dominando o "métier" de sua arte, se torturem para convencer-se de que o progresso consiste em galvanizar a arte antiga.

Não creio que a falta de tradição cultural no Brasil seja necessariamente uma deficiência. Ao contrário, creio que a falta de tradição possa ser um benefício para um povo como o nosso, cuja missão é a de criar algo de novo e de fundamental para o mundo de amanhã; pois a força do preconceito será menor do que num país de longa tradição cultural. Também o jovem artista brasileiro tem seus problemas — é verdade que exigem o ativo de toda a sua personalidade, mas contra uma coisa não terá de defender-se: contra o peso de uma cultura antiga e tradicional, sendo o caminho livre para a criação artística no sentido verdadeiro da palavra.

A época da máquina, do avião, das descobertas decisivas em todos os campos, da psicanálise, do socialismo histórico, da teoria da relatividade também é a nossa época, e não há dúvida de que é ela em que o jovem artista se deve integrar afim de cumprir sua missão: a de representar o pensamento do mundo em que vive.

O Brasil deu nos últimos tempos grandes artistas. Lembro a participação decisiva do arquiteto Oscar Niemeyer na elaboração dos planos para o edifício da ONU, os romances realistas de Jorge Amado, a importância da obra de um Mário de Andrade ou atuação vanguardista de um Cândido Portinari.

Enquanto que as outras artes no Brasil se afirmam num sentido progressista e moderno, é bem diferente o quadro no terreno da música, onde — embora tenhamos mestres de que todo o Brasil se orgulha — enfrentamos forte tendência ao conservadorismo que — assim o receio — terá como consequência a esterilidade da nossa vida artística musical. Responsável por esse estado de coisas é o ensino e o programa do ensino oficial, em particular, que parece ignorar a evolução da arte musical entre 1880 e 1910 querendo ressuscitar os mortos e tendo como efeito matando os vivos.

Sem dúvida, o Brasil conta com alguns compositores de muito valor — penso num Villa-Lobos, Francisco Mignone, Camargo Guarnieri, por exemplo — mas a música brasileira ainda se encontra fora do "concerto" das grandes nações culturais porque — para falar com o nosso grande Mário de Andrade — "não são os picos isolados que fazem a grandeza de uma cordilheira". O que faz a música e a cultura de uma nação é um complexo de elementos: escolas, ensino, literatura, crítica, executantes e, principalmente, orientação conciente e predeterminada de tudo.

A arte, jovens artistas do Brasil, é uma missão que obriga à mobilização de todas as forças. Espero que o trabalho aqui, em Teresópolis, tenha aceso em muitos a chama que é essencial para o verdadeiro artista e que constitua o signo de uma nova cultura, digno de um novo e grande país.

Teresópolis, 15 de fevereiro de 1950.

NOTAS DE POESIA

J. M. Gomes de Mattos

Quatro livros temos a registrar nestas notas. Iniciamo-las com:

O CENTAURO

O livro do Sr. Francisco Marcelo Cabral contém bons exercícios poéticos.

Para uma melhor análise de seus versos teríamos de estudar a obra em suas duas divisões que têm em comum a influência preponderante da técnica e a forma do lirismo de inspiração provençal.

Nas "Líricas", entretanto, técnica, forma e tema são fielmente decalcados dos "Cancioneiros" lusitanos e se nos parece entrever um moderno D. Diniz a trovar:

Ai flores, ai flores do verde pino
Se sabedes novas do meu amigo
Ai Deus, e u é?

O Sr. Cabral não é tão textual, suas "Canções de Amigo", por exemplo, a imagem e semelhança das do bom rei dizem assim:

Ai o meu amigo ausente
Que eu deixei que se perdesse
Onde está? Onde foi?

Esta deliberada imitação onde o poeta se coloca em posição de papel carbono quasi fiel não nos agrada.

Se clamamos por novas formas, se pedimos ao poeta um novo ritmo, se lutamos por uma nova poesia temos de reconhecer a nenhuma importância de "O Centauro" no panorama da hodierna literatura nacional.

E teimamos em considerar o livro coletânea de pequenos estudos estruturados em poemas que melhor ficariam bem guardados numa gaveta de lembranças.

ESTRELA NO CÉU

O Sr. José Carlos Lago Burnett é um poeta imaturo.

Seus versos espontâneos resentem-se da necessária experiência quanto à forma.

Muitos erros revela sua produção a que também falta uma escolha indispensável em se tratando de obra da juventude.

É verdade que não deixamos de vislumbrar qualidades e a busca de uma expressão poética, ainda não atingida, no prematuro poeta, maranhense de São Luiz.

CARTAS DE MAREAR

Já o Sr. Donozor Lino consegue realizar alguma coisa.

Traduz num ritmo interior muito próprio e muito seu momentos poéticos que as vezes se concretizam em realizações plenas. Se não vejamos:

COLETIVIZAÇÃO

"Número na testa
Olhar podre morto
Multidão que passa
Eu o que te amara"

Dispensariamos o final do poema que é grande e peca por excesso.

Do livro destacamos: Intima Moderna, Elegia Inacabada, Desintegração, Undécima Hora, Sonho de Domingo,

PROGRAMA

Walmor C. da Silva

Nada de hoje
me faz sensato.

Sigo o sonho
e o desejo.

e muita outra coisa perdida nas "Cartas de Marear" que se fossem cartas de navegação marítima surpreenderiam pela escala: 1 idéia X 100.000 versos.

O DESERTO E OS NÚMEROS

Há livros que transcendem todas as delimitações. Obrigam-nos a uma admiração comovida, um aplauso irrestrito.

"O deserto e os números" traz todos os seus poemas impregnados da mais pura e essencial poesia aliada a uma forma apurada.

Edson Régis construiu uma realidade artística num plano muito elevado. É senhor de uma sensibilidade, uma inspiração, uma forma. É um poeta pleno, realizado, completo.

O livro, produto de uma ebulição, de uma idade em marcha, dá-nos lições de estética, pois exemplifica problemas solucionados sem se perder nunca no impreciso.

Dado que somos ao manuseio de obras de nossos poetas do momento julgamos ter chegado a época dos "poetas indecisos".

Os novos que escrevem versos apalpam caminhos, bebem lições antigas em redescobrimientos que pouco ou nada adiantarão ao nosso processo de evolução literária.

As cartas de Rilke embasacam uma geração.

Entretanto outros há que avançam, sem se perder nas dispusas confusas de um despojamento inconsequente, sem mesuras ao "non sense" ultrapassado desde o enterro do velho Freud.

Convenhamos que a nossa herança cultural é duvidosa ou inexistente, convenhamos que ainda é a mãe dilacerada, a Europa iconoclasta e suicida nosso mercado de idéias, mas não nos será preciso continuar redescobrimos gente para realizar a nossa poesia.

É preciso isto sim, e principalmente, o trabalho criador feito a base de sinceridade, honestamente fiel a nossa inspiração e sem dúvida o valor pessoal que sobrenada e paira acima das mediocridades estabelecidas.

Cá da província esquecida, onde cada livro que chega representa um sacrifício e uma conquista faltam-nos elementos básicos para uma crítica formal e uma apreciação do livro de Edson Régis.

Mas o nosso bom gosto (e eu vos afirmo, este existe), a nossa capacidade de sentir, nos dá forças para afirmar a perenidade de uma obra que consagra uma geração de poetas.

"O deserto e os números" ficará.



Projeto de ilustração
para "LES COR-
BEAUX", de
RIMBAUD.

VALENTINE
HUGO, (1936)

ERA UMA VEZ . . .

Poema a Van Gogh

para ROCHA FILHO

CONTO de Antônio da Silva Filho

Saiu do bar. Ainda caía a chuva miúda e fria sobre as árvores e sobre os paralelepípedos. Havia reflexos luminosos nas calçadas encharcadas. Tudo deserto. Nenhum transeunte. Nenhum veículo.

Saiu caminhando. Passos vagorosos, arrastados. O álcool aumentara aquela angústia de que era possuído antes de entrar no bar. Caminhar . . . Beber. Solidão pelas ruas. Completa ausência de ruídos. Estava livre de todo aquele mundo que palpitava, que pressentia escondido, mas havia opressão em seu íntimo. Estava perdido, sem amparo; os caminhos para a fuga intangíveis. Sentiu vontade de chorar. Parecia criança. Quando pequeno, certa vez ficara doente. Deitado no leito, imaginara que ia morrer daquela doença e queria chorar e não podia. Aquela mesma angústia que agora sentia. Também, quando era criança, tinha a mesma volúpia triste de caminhar na chuva.

Era a precocidade do desespero.

Parou junto a amurada. Olhou. No outro lado da baía, ainda havia luzes acesas, dispersas. A ponte com seu renque de luzes, traços indefiníveis sob a chuva. Respirou fundo o ar da baía. Odor de maresia agradável. Um dia fora para Curitiba, longe dali, longe do mar. Lá ficara durante um ano. Ao regressar, divizando a cidade ao longe, a ponte parecendo brinquedo de criança, sentiu uma comoção. Mas tal comoção foi mais forte quando passou sobre aquela ponte e sentiu o cheiro da baía, um odor de infância, de vida, de tenue reminiscência.

Agora o gerente dizia:

— Então você é poeta? Pois eu preferia que você cuidasse mais do seu serviço e fazer menos versos. Ainda hoje um freguez reclamou . . .

O sorriso presunçoso do gerente. As vezes sentia impetos de esbofeteá-lo . . . Por que haverá gente assim no mundo? Por que? Por que?

Crianças brincando.

— Chuta essa bola. Vai aprender a jogar futebol. Burro!

O laranjal no quintal da sua casa. Laranjas gostosas. Construiu casinhas de barro. O tempo e o relógio. Voltava de Curitiba. Descida do planalto. Barrancos sangrando como se a terra estivesse ferida. Joinville. Blumenau. Muitas bicicletas. Casas sem rebouco. Itacomoli. Hotel a beira do mar. Automovel entrando na garagem da casa cor de rosa. Depois Itajaí. Uma igreja grande em construção. Almoçando as pressas num restaurante perto da estação rodoviária, para, logo após, prosseguir viagem. Quando terminou de comer, ao pagar a conta, é que reparou no mocinha que servia as mesas. Bem jovem, talvez quinze anos. Corpo delgado, cabelos castanhos. Mantilha de lã azul envolta ao pescoço. Simplicidade de garota de cidadezinha do interior. Sorria para ele e tinha a mesma maneira de olhar de Anete. Quando o ônibus saiu, ainda a viu na porta do restaurante a fitá-lo com aquele olhar estranho, como implorando alguma coisa. Aqueles olhos. Amava aquela menina. Sempre os olhos na consciência . . . E ficara perdida na distancia. Por que era assim? Aqueles olhos.

Continua chovendo. Anete gostava de chuva. Seus olhos ficavam mais lindos quando chovia. Poesia de ingenua. Ele a beijara sob a chuva. Nunca esquecera aquele beijo. Também amava Anete.

— Você vai embora Anete? . . . Se você ficasse . . .

— Não posso. Vou fazer a vida em São Paulo que lá se ganha melhor o dinheiro. Depois é minha terra. Eu não sei o que vim fazer aqui.

Não queria que ela fosse embora. Ela chorou no dia da partida. Devia estar agora em algum cabaré. Rindo e bebendo. Rindo e bebendo. E olhando com aqueles olhos estranhos para outros . . . Mil rostos. Rostos. Café.

Poesia . . . "Oh! que saudades que eu tenho" . . . Recitava no colégio. Em cima do estrado e os rostos voltados para ele. A professora sorrindo bondosa. Melancolia de poeta. Por que tudo era assim?

— Mãe, por que papai morreu?

Debruçou-se na amurada. A água da baía, imóvel, salpicada de gotas de chuva. Era a realidade brutal. Morrer. Sumir tudo. Desaparecer tudo. Tudo. Tudo . . .

(Porto Alegre)

Há um sangue vermelho, rubro, nos girassóis,
É um sangue que brota das horas
E vai pingando, vai manchando
Sem cessar.
É um rubro sobre o ouro,
Vem das bocas,
Corre no tempo,
Há um sangue contrastando na branca neve,
Um rubro na primavera,
Um vermelho resplandecendo ao sol de Arles,
Que navega com os espectros,
Quando o vento d'outono semeia os espaços de folhas
[ressequidas]

Mão na mão, passo a passo
Adejam sombras,
Nos sóis, nos verdes,
Mas um sangue embebe tudo:
Na base dos círios oscilando,
Nas papoulas de corolas abertas.
Podem passar as chuvas,
O sol sugar a terra
E as árvores falecerem de pé:
O rubro vermelho andar na paisagem
E tingirá o ouro dos trigais maduros.
Há um gosto de sangue nas bocas e nas transpira-
[ções]

Um terrível gosto de sangue.

Nataniel Dantas

(Rio)

Nota de crítica

Por Matilde D'Espaux

Sobre el libro "Contraluz" de Josefina L. A. de Blixen. "Contraluz" es un libro premiado últimamente por el Ministerio de Instrucción Pública. En realidad "Contraluz" merecería algo más que un premio, sino también el más amplio conocimiento del público. Es un libro escrito con sutileza, está como en sombras, por que viene de algo muy lejano, de la niñez que apenas se perfila, que se recorta en un tiempo borroso; pero que al fin toma formas y las figuras se van nimbando de luz. Haciendo abstracción de la belleza de la forma, en que está escrito el libro, lo admirable está en la sencillez del tema. En cada capítulo está la escena familiar, la de la plaza, de la escuela, los niños, los padres, los sonrientes, todas esas estampas vividas con lentitud en la infancia; pero que sin embargo un día se esfuman . . . Josefina Lerena Acevedo de Blixen sabe con fuma maestra, encontrar un tema sencillo pero de fino interés.

Quizás muchos han vivido como protagonistas, infancia semejante a la de la autora de "Contraluz"; pero no creo que haya nadie que pudiera escribir sobre eso un libro de interés general. Es gracioso y original el capítulo titulado "El retrato" "El te" es de un verismo único y del cual todos nos sentimos protagonistas. También en "Contraluz" se vislumbra una etapa de maestra historia. J. S. A. de Blixen La publicado varios libros, los cuales fueron premiados por distintas Instrucciones. Entre ellos merecen destacarse las biografías de Carlos Reyles y la de José Pedro Varela. El primero extraordinario novelista y el segundo un héroe de maestra cultura que dio lo mejor de su vida por una escuela nueva.

Josefina L. A. de Blixen tiene destacada actuación intelectual; pero esto no es de extrañar y a que en su familia son muchos, los que la han tenido y aún la tienen.

"Contraluz" su última obra pone en evidencia su espíritu delicado y una inteligencia manifestada a lo largo de su vida.

Por uma arte autóctone

FLÁVIO DE AQUINO

O mais grave mal de que padecem os nossos jovens pintores é a falta de um objetivo certo, de um estilo comum que dê à nossa pintura uma coesão interna, um poderoso princípio de evolução em conjunto.

Nossos "Salões", que antes de tudo devem ser encarados como uma oportunidade para os jovens, um lugar que lhes dê ensino de mostrarem seus progressos, prova, tão só, a falta de orientação dos nossos jovens pintores. A grande maioria deles pinta como se estivesse na França, mas numa França em que houvesse apenas Picasso, Utrillo e Roault, sem Clouet e Poussin, sem o Louvre e o "Jeu de Paume". A força da nossa pintura vem de fora, vive ainda da importação, avança insatisfeita e deslocada por não se achar em Paris.

Antes de tudo, desejamos notar aqui que não somos nem anamos o jacobinismo exaltado ou a patriótica demagógica, achamos, somente, que ao artista nascido no Brasil não lhe cabe melhor caminho senão aquele que aproveitando as conquistas técnicas e estéticas da arte contemporânea as converta e transforme segundo o conteúdo e a maneira de ser da nossa gente e do ambiente que o cerca. Não se trata aqui do aproveitamento ilustrativo e exterior dos motivos brasileiros em si, não é o objetivismo do tema que importa; pelo contrário, interessamos é o subjetivo do próprio artista a realização livre e imediata do seu sentimento, da sua fantasia inventiva, da sua maneira de ser, perante o mundo em que vive. Falamos, antes de tudo, numa arte autóctone que, sem perda do sentimento universal, se aproveite e transforme em elementos essencialmente plástico e formais, em arabescos de riqueza cromática, o pitoresco tropical da nossa terra e do nosso povo. E não é, tampouco, o pitoresco em si que desejamos — este pouco nos importa — mas o que ele pode sugerir de novo, de sentido, o que ele pode como excitante da imaginação criadora, o que ele pode como pretexto inicial, para dirigir nossa pintura para uma nova expressão pictórica.

Este objetivo daria então, somado às contribuições plásticas da arte moderna, um rumo certo, comum e coerente à nossa arte. Ele é que poderia suscitar forças inexploradas, formas e ritmos novos, uma originalidade real e uma personalidade marcante aos nossos jovens artistas.

Um artista legítimo, além da sua própria personalidade, arrasta consigo o gosto e a maneira de ser da sua época e da sua pátria. Destas lhes vêm a base e a legitimidade das ações e das emoções. Sem lhes matar a originalidade e a personalidade lhes dá um objetivo comum, permite-lhes trocar descobertas e influências, gera o es-

tilo e portanto a evolução e a perfeição. Foi assim que na Itália em "duas cidades tão vizinhas, Florença e Siena, estão artisticamente distantes: a mística Siena amou a cor, a positiva Florença, a forma. (Marangoli). Daí vem a importância e o mérito da nova pintura mexicana.

Entre nós, o que observamos, entretanto, é uma desorientação completa, um desejo apressado em copiar as últimas modas. Nossos artistas passaram, muitos deles de um balbuciar apressado à última fase abstracionista. Vindos de um academismo pobre atiram-se às glórias estabelecidas da pintura francesa, passam rapidamente para modernismo exterior pelo qual não sofreram a desilusão das incompreensões e o entusiasmo das descobertas. Com pouco a derrubar e menos ainda com que construir recebem e aplicam indistintamente um eco da longínqua França. Alguns viram Kandinsky, outros Picasso, poucos se aperceberam de Cézanne, raros se lembram de Rembrandt, nenhum conheceu Giotto. Por isso começam pelo fim, partem do ponto de chegada e não tem para onde ir.

Nossa arte, infelizmente, ainda é uma arte de exceções, de sobressaltos, de autodidatas, de influências pegadas a esmo e largadas de pronto. Não temos uma linha mestra que nos permita uma filiação, somos uma geração espontânea.

Dos artistas de antigamente, dos poucos que poderiam empurrar a pintura brasileira para novos rumos, dar-lhe um sentido e uma forma autóctone e uma direção mais condizente com o nosso temperamento, pouco herdamos. O melhor dentre eles, Eliseu Visconti, o pintor que, se aproveitando da evolução que se produzira na França, mais se aproximou da nossa atmosfera luminosa transformando-a em motivos de rara linguagem plástica, viveu isolado e tímido, admirado, tão só, pelo que de menos pessoal e mais acadêmico fazia. Para a nova geração Visconti ressuscitou com a retrospectiva de 49. Perderam-se, no entanto, muitos anos, tempo demais para uma arte que evolui rapidamente e para artistas apressados que trabalham como se fossem morrer aos trinta anos.

Mestre Visconti, com as suas maravilhosas qualidades de colorista, poderia ter sido o começo de uma nova época para a nossa pintura. "Uma vida que poderia ter sido e que não foi". (Manoel Bandeira).

E agora nossos jovens talentos vogam sem rumo certo, guiados pelos palpites dos amigos e por um instinto inato que se por vezes os faz acertar de nada lhes serve, pois não lhes é dado tirar conclusões sobre o "que" e o "porque" dos seus erros e dos seus sucessos.

A GRANDE DESCONHECIDA

A Walmor Cardoso da Silva

A grande desconhecida
Sempre ronda minha vida
Não me aparece jamais.
Presentida e intocável
Só me oferece a ausência,
Desespéro e esperar.
Quando o peito está doído,
Remoinho de emoções,
Os olhos turvos não vêem,
Silêncio, abandono só...
Pois tudo que não me falta,
É o meu eterno faltar
Na grande desconhecida.

Junto os nomes, amo as outras,
Nada me basta porém,
Existe a amada impossível
A que persegue e assedia
E em todo o bem se resume.
Quando sofro ela é pungente
Perde a imagem, vai embora.
Outras mulheres chegando,
Iluminando-me a vida
Esgotam-se e em vão aguardo
A grande desconhecida.

Encontrei-a na infância,
Antes da vida e da morte,
Do verde espelhando as águas,
Do azul pintando as alturas.
Amo-a simples, compreensiva
Quase sonho quase idéia
Não assim como o desejo
Que à flor da carne me encerra
Na inteligência do instinto.
É o donativo da vida
À elegância das formas
Que após o desejo morrem
Flores no fim da estação.

Nunca o amor tão grande assim!
O que distribue a vida
E nos distancia e esquece.
Longe, apenas presentida,
Na antena de prata e luz
Que ultrapassa a poesia.
Porque a fatalidade
De amar com todo o poder?
A grande desconhecida...

Fernando Jorge Uchôa

RIO.

"Os Três Santos de Junho no Folclore Brasileiro"

por Walter F. Piazza

De início um agradecimento aos "novos" de Santa Catarina por terem cedido uma página de sua revista, que é, também, nossa, para estudos folclóricos, e nos terem confiado essa parcela de "SUL".

Abramos o livro de Gastão de Bettencourt, "Os três Santos de Junho no Folclore Brasileiro".



O Pau de Fita, quadro de Gilberto, exposto em 1948 na A. B. I. (Coleção da Princesa SANGOZSKO)

A sua amena leitura de grande valor demopsicológico, trouxe-nos a vontade e, também, o prazer de fazer alguns ligeiros confrontos.

Invoca o grande folclorista luso, o testemunho da brasileira Mariza Lira, às págs. 28 de sua citada obra: "Protetor dos loucos (Santo Antônio) em Portugal, aparece entre nós como o protetor dos taverneiros, dos varejistas em geral".

caminho percorrido, recebemos os influxos tradicionais de Portugal em sua plenitude.

Lembra, ainda, aquele folclorista, "a imploração angustiosa dos milagres":

"Se queres milagres
Implora confiante
De Antônio o favor:"

Cupido Subiu ao Trono
(dansa folclórica catarinense).
Quadro de Gilberto, exposto em
1948 na A. B. I.
(Coleção da pintora Maria Margarida)



Na leitura deste trecho, brotaram, de imediato, em nosso cérebro, duas gratas reminiscências de família, apoiando a assertiva daquele estudioso das tradições e dos costumes luso-brasileiros.

Descendente de tronco açorita, vindo por volta de 1750, da Ilha Terceira, o comerciante José Jacques, pos-

E, vem à pêlo um "causo", como diria a velha cabôcla que nos contou:

Havia ela recebido o dinheiro da pensão que tinha direito, por magistério exercido, pelo "falecido". Ia da vila para casa, satisfeita, alegre mesmo por ter com que suavizar a existência dura e laboriosa.

Era Uma Vez ...

Exclusivamente para "SUL"

Chegou em casa, contou novamente os "cobres" e pôs-se em arrumações. Em dado momento lembrou-se que devia cinco mil réis (a história é dos tempos do dez mil réis) a "cumadre". Foi em busca do dinheiro, abriu o pesado gavetão da cômoda que sustentava o oratório, rebuscou a gaveta e não achou o dinheiro...

Tornou a procurar e nada. Procurou por tôdas as partes da casa por onde andara e... nada! Já aborrecida dirigiu-se ao oratório, acendeu a vela benta. Persignou-se. Rezou o responsório inteiro. E, calma, levantou-se.

Lembrara-se que na mesa da sala deixara a sua bolsa. Foi buscá-la, tornou a contar o dinheiro e tornou, também, à imagem do santo milagreiro e rendeu graças pelo achado.

E, como esta velhinha o são tôdas as almas boas de nossa hinterlândia em suas crendices.

Entretanto, anota ainda, Gastão de Bettencourt, uma nova modalidade de devoção e que desconhecíamos — a que lhe devotam os pescadores, quando cantam...

"No dia 13 de julho,
É pô a rede e tirá:
Os peixes 'stão na fiúza
De Santo Antônio falá".

Esta quadra lembra o sermão de Santo Antônio aos peixes.

Mas, o maior contingente de quadrinhas que cita e algumas das quais já ouvimos se referem à Santo Antônio casamenteiro:

"Minha avó tem lá em casa,
Um Santo Antônio velhinho.
Em os moços não me querendo,
Dou pancadas no santinho".

Ou, então, essa outra, que bem exprime uma grande verdade e que a sabedoria popular bem descreveu:

"Meu Santo Antônio querido,
Eu vos peço, por quem sois:
Dai-me o primeiro marido,
Que o outro, arranjo eu depois..."

E, diz aquêle ilustre demologista português:

"Vítima, pobre vítima das irrefletidas e geniosas donzelas para quem o casamento vai tardando, ai dele (Santo Antônio) se não atende pressurosamente tôdas as preces que lhe endereçam... e, para maior de todos os castigos, tiram-lhe o Menino Jesus, a última impiedade e aquela que, em geral, faz resolver o Santo".

Mas, tem, ainda, Gastão de Bettencourt anotado inúmeras outras qualidades do Taumaturgo das multidões.

Entretanto o belo e útil livro do folclorista luso não se refere somente à Santo Antônio, estudou, ainda, São João e São Pedro.

São João é a festa dos balões das comidas típicas, dos foquetórios, e, também, é a sua noite, a mais fria do ano.

E, nesse capítulo interessantíssimo do folclore luso-brasileiro insere uma receita que, data venia, transcrevemos para as nossas doceiras:

"Bolo de São João — Uma tijela de massa de mandioca lavrada; catorze gemas de ovos; meio quilo de açúcar. Quando estiverem os ovos bem batidos, batem-se 120 gramas de manteiga e uma xícara de leite de côco sem água. Junta-se tudo e continua-se a bater até que ligue bem. Vai ao forno regular numa forma untada com manteiga".

Dêsse modo se sucedem as receitas joaninas e juninas.

Vem, por fim, São Pedro, o príncipe dos apóstolos, o sucessor de Jesus Cristo na terra.

A parte do antigo pescador do lago de Genezaré é a menor no livro de Gastão de Bettencourt, e para encerrar tão interessante quão útil obra folclórica narra-nos a história da "Mãe de São Pedro" cuja essência é muito explícita: quem fica com a mãe de São Pedro, não está nem com Deus nem com o demônio; coisa boa, mas muitíssimo perigosa...

E, lendo Gastão de Bettencourt evocamos algo de muito interesse no estudo de nossa formação social.

Precisamos agora, em nosso Estado, trabalhar pela maior difusão dos estudos demológicos.

Tôda e qualquer colaboração nesse sentido será bem recebida pela Sub-Comissão Catarinense de Folclore.

Era uma vez Sulamita e a face em música
trazia as algazarras dos guris travessos
e a rosa e os pés descalços da infância.

Era uma vez Sulamita
tôda em flor espargindo pétalas de libertação
pelas calçadas. Havia porém um sonho em cada aceno
e a brisa,

Era uma vez Sulamita entre as baladas
amor de príncipes-meninos, tôda pura, e assim era,
fada e bombons de chocolate no Natal.

E, era uma vez Sulamita, e tantas vezes fôra,
que a luz fingiu ser lábios e olhos sob franjas,
ciprestes, estrelas e fuga.
Era uma vez Sulamita.

SYLVIO EDUARDO

(Da Coletânea: "A Memória da Rosa").

A Serpente Negra

Quero o esquecimento
Nunca é uma palavra,
E as palavras ficam
Para o eterno medo.

Muro sob a hera
Pesarei os passos
Curvos curtos longos
Sob o pensamento.

Ah! Cruel tortura
Da imobilidade
Ante a noite e a morte.

E o pressentimento
Como árvore viva
Sobre o precipício.

DONOZOR LINO

(Atibaia)

Inauguração do Ambulatório do IPASE

Discurso do Dr. Cyro dos Anjos

Esteve em Florianópolis o escritor Cyro dos Anjos, autor de "O Amanuense Belmiro", e chefe do Departamento Social do IPASE, que aqui veio a fim de inaugurar o ambulatório médico da Agência do IPASE, com sede nesta cidade.

No ato inaugural, ao qual se achavam presentes os diretores dos Serviços Públicos Federais com sede em Florianópolis e demais pessoas interessadas, saudou ao dr. Cyro dos Anjos o delegado regional do IPASE, sr. Mário Garcia, que proferiu interessante discurso realçando também a direção do sr. Alcides Carneiro à frente do IPASE.

Falou, em seguida, o homenageado, agradecendo às pessoas presentes e fazendo uma análise do que vem realizando o Departamento Social do IPASE em benefício dos seus associados.

Após foi servido um Cocktail aos presentes.

Abaixo transcrevemos, na íntegra, o discurso pronunciado pelo dr. Cyro dos Anjos.



O Dr. Cyro dos Anjos, representante do Dr. Alcides Carneiro, quando proferia sua alocução.

Senhor Representante do Governo do Estado.

Meus Senhores,

Com a inauguração deste ambulatório, destinado a atender aos servidores federais sediados em Florianópolis e a seus beneficiários, sobe a 14 o número de agências em que o IPASE — além dos serviços médicos comuns mantidos em todos os Estados — instalou serviços especiais.

Nem todos esses ambulatórios foram ainda oficialmente inaugurados, mas, em cada um, já os funcionários encontram assistência adequada, dentro dos planos traçados pelo Instituto, de acordo com as suas possibilidades orçamentárias.

E até o fim do ano serão instalados os seis ambulatórios restantes, que completarão o sistema assistencial que o IPASE estendeu por todo o país, em defesa da saúde do servidor federal e de sua família.

A par da assistência clínica e cirúrgica, prestada em instalações próprias nas agências, e da assistência hospitalar proporcionada, em todo o país, através de auxílios para internação — nosso Instituto vem assegurando aos servidores do Estado os benefícios da assistência médica especializada, por meio de sua extensa rede de médicos credenciados.

Assim, além dos 240 médicos que, em números redondos, constituem o seu quadro efetivo, no Departamento de Assistência e no Hospital dos Servidores do Estado, e

dos 50 médicos admitidos em regime especial, **pró-labore**, nos órgãos Locais, — dispõe o IPASE, ainda, de 476 médicos credenciados comuns, o que significa, em nossa terminologia burocrática, não perceberem eles vencimentos fixos, e sim honorários profissionais, em relação a cada cliente que lhes enviamos.

Ao todo, contamos, pois, com um total de 767 médicos a serviço de nossa instituição, isto é, à disposição do servidor do Estado e de sua família.

Dispendemos, assim, com a assistência social e médico-hospitalar, cerca de Cr\$ 107.636.180,00 — dos quais Cr\$ 44.561.600,00 através do Hospital dos Servidores do Estado, no Rio, e Cr\$ 63.074.580,00 com a assistência ao Servidor Federal sediado no interior do país e com os ambulatórios da Administração Central.

Como se vê, é considerável o esforço que o IPASE faz para cumprir o preceito legal que lhe atribuiu os encargos da assistência ao Funcionalismo da União.

Estamos longe de contar com recursos satisfatórios, para cobrir despesa tão vultosa. O recente aumento havido no selo de educação, graças à boa vontade do Exmo. Presidente Eurico Dutra, veio atenuar as dificuldades em que se debatia o Instituto, mas desafogou-o apenas em parte.

Tão vivo é, porém, o interesse que o eminente Chefe da Nação tem manifestado pela nossa obra assistencial, que o IPASE marcha, confiante, de realização em realização, certo de que os governos que se lhe seguirem sabe-



Flagrante colhido no momento em que se inaugurava o Ambulatório do IPASE, desta Capital

Da direita, para a esquerda o Dr. Newton D'Avila, Médico; o representante do Sr. Governador do Estado; o Dr. Cyro dos Anjos e o sr. Mário M. Garcia, Delegado

rão reconhecer os esforços empreendidos e os resultados já alcançados.

O plano de assistência ao servidor federal residente no interior foi traçado pelo IPASE, segundo as diretrizes do Exmo. Sr. Presidente Eurico Dutra e levado, posteriormente, à aprovação de S. Excia. Na elaboração desse plano, nenhum estudo, nenhuma organização encontraram os órgãos técnicos do IPASE em que pudessem arrimar-se, pois assistência em tão larga escala nunca se fez no país e dela não havia, pois, experiência.

O exemplo de outros países não poderia elucidar-nos de vez que predomina, entre os mais prósperos, o sistema do seguro-doença. Em nenhum, o problema se apresentava com as características do nosso, não só quanto aos seus aspectos intrínsecos, como quanto às circunstâncias de ordem econômica e social que o envolviam, impondo solução peculiar ao nosso meio. Teve o IPASE de defrontar, pois, com uma tarefa nova e sem similar, e em circunstâncias difíceis dada a escassez de recursos, tanto de natureza material como de ordem técnica.

A vós, como aos dignos e operosos funcionários desta agência, o IPASE confia uma tarefa de sua importância: a de, através dos serviços médicos, prestar assistência adequada ao servidor federal residente nesta bela cidade, Capital de pequeno mas poderoso Estado. Poderoso, não apenas pela estrutura econômica, já solidamente travada na base do seu magnífico parque industrial, e de uma policultura tão vivaz e criadora de riqueza, mas sobretudo porque é um viveiro de homens lúcidos e pugnazes, cujo patriotismo vigilante consutui fator de tranquilidade para a Pátria, neste extremo Sul de formosas e cobiçadas terras. Viveiro em que medraram, no passado, ilustres estadistas, e que, no presente, continua a proporcionar à Nação cidadãos da estirpe de um Aderbal Ramos, nobre e cavalheiresca figura governante, culto, experiente e idealista, a quem Santa Catarina já deve tão assinalados serviços.

O ambulatório que hoje inauguramos é modesto e por certo não corresponde ainda às necessidades do funcionalismo da região. Devo, porém, anunciar-vos que ele

Edifício do IPASE FLORIANÓPOLIS



O modo como vem sendo desempenhada essa tarefa, o entusiasmo de que se acham possuídos os técnicos e funcionários que nela colaboram, com os meios que lhes têm sido facultados, tudo isso se deve à decisão, à inteligência e ao devotamento com que o Presidente Alcides Carneiro se entregou a ela — como fiel executor do pensamento do Chefe da Nação. Prestigiando a ação do Departamento de Assistência, com seu apôio e seu conselho, o Presidente Alcides Carneiro tem estimulado a todos quantos militam em nossos serviços assistenciais e participam desse arrojado empreendimento.

Agradeço-vos, sensibilizado, Sr. Gerente, as palavras que proferistes ao ensejo desta solenidade simples, mas, ao mesmo tempo, tão significativa.

constitui apenas o marco inicial de uma obra mais ampla, que se desenvolverá não só no campo da assistência médica, como da assistência econômica, por meio do financiamento para construção de casa própria. Dentro em breve deverá vir a Florianópolis o nosso Presidente, que aqui lançará os fundamentos de um grande conjunto residencial para os funcionários.

De vós, Sr. Gerente, de nosso dedicado e operoso médico-chefe, Dr. Newton D'Avila, e do Dr. Agripa de Castro Farias, do distinto corpo médico da Agência, bem como de todos os funcionários administrativos, o IPASE muito espera, em benefício do núcleo de servidores federais residentes em Santa Catarina.

O Cinema Conta Sua Própria História:

O Nascimento do Cinema

M. SANTOS

Por ocasião do cinquentenário do nascimento do cinema, o crítico francês Roger Leenhardt resolveu compilar uma pequena história do cinema, utilizando a abundante documentação histórica de George Sadoul. Para roteiro do filme baseou-se no primeiro volume da "Histoire Générale du Cinéma", do mesmo Sadoul, abrangendo o período de 1832 a 1897 — de Plateau a Lumière.

O Cinema já tentara por diversas vezes realizar sua auto-biografia, nunca, porém, com os mesmos propósitos de Leenhardt. Empregando imagens claras, objetivas e agradáveis, sem perder jamais o critério didático, obteve êle um filme compreensível por todos e de interesse geral. Mostra-nos como o fenaquitoscópio, descobrindo a maneira de reproduzir um movimento simples — o galope de um cavalo — fixa as bases do aparelho cinematográfico, visto no final da película a projetar o mesmo cavalo a galope.

Entre Plateau e Lumière, entretanto, há muitas datas, experiências e nomes, que foram recordados. Todos os aparelhos — os "joguetes óticos" — verdadeiros precursores da máquina de Lumière, são postos a funcionar diante de nós que só mesmo no cinema poderíamos observar seus movimentos, afastados que estamos dos museus de cinema. Passa o filme pela lanterna mágica, primeira projeção, enquanto mostra os aparelhos que tentavam imitar o movimento. Detém-se no "Teatro Ótico", de Reynaud, para mostrar-nos o seu complicado maquinismo e uma bela criação sua, "Ao Redor de Uma Cabine", realizada a cores em 1888. Vem depois a invenção da fotografia e as tentativas realizadas para movimento às imagens obtidas até chegar a Edison e seu aparelho. Focaliza, então, o trabalho de Lumière e, com a maior imparcialidade, mostra que a tarefa do inventor limitou-se à idealização e construção de um mecanismo de arraste, usando para a construção de seu aparelho o produto dos trabalhos feitos até então. Podemos observar alguns filmes de Edison e os primeiros metros de película impressionados na câ-

mera de Lumière: "Saída das Usinas Lumière", "Chegada do Trem", "O Regador regado", "Desfile de Tropas e outros". Quem leu o citado volume de Sadoul dará mais valor à realização de Roger Leenhardt se souber que êle conseguiu sintetizar o minucioso trabalho do historiador francês, dando ao cinema um longo capítulo de sua própria história e da forma que só o cinema sabe narrar.

O filme tem outro valor além dos citados. Graças à excelente reconstituição de Maurice Collason, leva-nos àquela atmosfera do filme do século passado. Mostra-nos a curiosidade de um pequeno auditório pelo rudimentar e falho movimento de silhuetas projetadas na lanterna mágica. E, depois, o susto produzido pela máquina que avança contra os espectadores, em uma das primeiras sessões de Lumière. O desespero de Reynaud ao ver seus delicados e graciosos espetáculos superados pela nova invenção. O filme está cheio de detalhes interessantes para o público em geral e de grande valor para o estudioso. Um comentário musical de Guy Bernard Delapierre sublinha com eficiência as imagens. Contou ainda Roger Leenhardt com a colaboração de Pierre Biro e Louis Raitiere, além da já mencionada e valiosa assistência de George Sadoul.

Assisti "Naissance du Cinéma" em uma reunião especial para escolares, promovida pelo governo uruguaio, através de seus departamentos especializados: "Cine-Arte", do S. O. D. R. E., e Conselho Nacional de Ensino Primário e Normal. Estive conversando com alguns dos pequenos espectadores, tentando descobrir o que tinham êles apreendido do filme, e fiquei verdadeiramente surpreso com os resultados obtidos com essas perjeções.

Quando teremos no Brasil iniciativas semelhantes? É lamentável que precisemos sair do país para assistir obras de tal envergadura, quando temos tudo, até e pelo menos uma entidade oficial, para formar uma filmoteca digna de tal nome.

(Porto Alegre)

A MÚSICA E A POESIA DO SUL DO BRASIL ATRAVÉS DA RÁDIO PORTUGUESA

UM APÊLO AOS BRASILEIROS

A estação emissora "Rádio Clube Mindêlo" que emite no comprimento de onda de 41.78 ou seja na frequência de 7.80 kilociclos por segundo, começou a gravar em fio de aço os seus programas destinados à América do Norte, Brasil, América Espanhola e Europa. Para os programas especiais destinados aos brasileiros e portugueses espalhados pelo mundo, a Rádio Clube Mindêlo tomou a iniciativa de incluir tudo o que diga respeito ao folclore do sul do Brasil: música e canções típicas, etc.

E como a sua discoteca é pobre, lança por nesse intermédio um apêlo aos brasileiros de Santa Catarina, às instituições culturais e outras organizações, no sentido de lhe enviarem discos: **RÁDIO CLUBE MINDELO**
S. VICENTE
CABO VERDE.

IDADE 21

CADERNO "SUL" N. 1: EDIÇÃO DO CAM

POEMAS DE

WALMOR CARDOSO DA SILVA

Saiu e já se encontra à venda, podendo ser pedido diretamente ao CAM, Caixa Postal 384, Fpolis., S. C., Brasil, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

Um volume com bons poemas, simples e humanos, que a crítica literária do país, de uma forma geral tem recebido com simpatia.

Não deixe de adquirir seu exemplar. Peça-o já e não somente estará adquirindo um bom livro de poemas, uma das tentativas mais promissoras da jovem poesia brasileira, como auxiliando o movimento dos "novos" de Santa Catarina. Edição Limitada. Cr\$ 10,00 o exemplar. Pedir ao CAM ou diretamente ao Autor.

Recebemos e Agradecemos

(Parte deste noticiário é também apresentado na Página

Literária dominical que o C. A. M. mantém no Jornal

"O Estado")

Revistas:

VIAGEM — n. 110, 111, 112 — Lisboa, Portugal — Direção de Carlos Dornelles.

LETRAS DA PROVINCIA — n. 1 e 2 — Periódico de letras e artes da cidade de S. Luís, Maranhão — Direção de Ferreira Gullar e Lago Burnett.

NOVO MUNDO — n. 49 e 50 — Mensário da Associação de Intercâmbio Cultural — Direção e Orientação de Raimundo Magalhães Ayres — Guiratinga — Matto-Grosso.

ALTEROSA — número de março, Belo-Horizonte — Minas.

RUBICON — 22, 23, 324, de Barbacena, Minas — Direção de Inês Piacesi.

MARCHES DE FRANCE — Ano 4 n. 7 (nova série) Inverno de 1949 — Redação e administração 30, Rue Ste. Anne — Hofstade-les-alost — (Belgique).

TENTATIVA — Ano 2 n. 6 — Fev. 950 — Número de Aniversário — Direção de André Carneiro, Cesar Memolo Jr., Dulce Carneiro — Atibala — E. S. Paulo.

RESENHA LITERÁRIA — Ano 3 n. 5 — Permínio Asfora, Maurilio Bruno e Alfio Ponzi — Recife, Pernambuco.

REVISTA BRANCA — n. 9 e 10, ano 2 — Direção de Saldanha Coelho — Rio — D. F.

MERIDIANO — n. 2 — Caderno de Letras — Direção de Hindemburgo Sobal, O. G. Rêgo de Carvalho e M. Paulo Nunes — Terezinha — Piauí.

BANDO — Ano 2 — n. 13 — Janeiro de 950 — Natal — R. G. do Norte

CORREIO DAS ARTES — Orientação de Edson Regis (Suplemento Literário do Jornal "A União", n. 31 — 43, João Pessoa — Paraíba.

ARTE E LITERATURA — Suplemento da "Tribuna de Petrópolis", n. de Jan. e Fev. de 950.

AUTORES E LIVROS — n. 13 e 14 — Diretor: Mucio Leão; Secretário: Sérgio Velozo — Rio — D. F.

INVESTIGAÇÕES — Revista do Departamento de investigações — S. Paulo — ano 2 n. 12 e 13. O número 13 é comemorativo do aniversário da revista e apresenta mais trabalhos especializados, além de reproduções de quadros de artistas paulistas e artigos literários.

THE HUDSON REVIEW — Vol. 2 n. 4 — Inverno de 1950 — Editores: Joseph Bennett, Frederick Morgan. — New — York. Nesta ótima revista dos "novos" dos Estados Unidos destacamos: "James Joyce — A memoir", de Stanislaus Joyce; "Literature" por Paul Valéry; além de outros artigos, notas informações, críticas sobre cinema e artes, etc.

SANTA CATARINA FILATÉLICA — Sob os auspícios da Associação Filatélica de Santa Catarina — Número especial, comemorativo do Bi-Centenário da Fundação de São José — ano I n. 2 — março de 1950 — Florianópolis, Santa Catarina — Diretor: João Carlos Ramos. Este número além de ampla reportagem sobre o Bi-Centenário de São José traz as habituais seções e notas informativas, etc.

PORTUCALE — Revista de Cultura — Pôrto — Portugal.

Diretores: Pino de Moveis, Veiga Pires. Estamos recebendo normalmente essa revista uma das melhores editadas atualmente em Portugal.

ALFAR — Revista de Montevideo — Uruguay, sob a direção de Juli J. Casal, n. 88. Uma ótima revista de cultura, bem feita e impressa, com variado material e escolhido. Deste número é de se destacar entre outros, os trabalhos: "Poemas" de Juan Ramón Jiménez; "Existencialismo y Literatura", por Guilherme de la Torre; "Manoel e Antonio Machado, dois caras de la misma sangre", por Jesualdo; "Los cuentos selváticos de H. Quiroga", por Carlos Maria Princivalle; "Pintura e desenho de niños", L. E. Pombo, con reproducciones de Spallanzani y Gamarra; "Poemas" de T. S. Elliot, en traducción de Americo Borabino; além de outros trabalhos quase todos muitos

bons, e mais clichés, reprodução de quadros notas e informações sobre livros, crônicas, etc.

UNIVERSIDAD de ANTIOQUIA — n. 90, 91, 92, 93, 94 e 95 octubre, noviembre, diciembre de 1949 — Medellín-Colombia. Directores: Gustavo Uribe Escobar, Alfonso Mora Naranjo, José Guerra e Miguel Escobar R. Uma boa revista esta que nos chega da Colombia. Revista de cultura e interesse geral, com materia selecionada, além de um "Cuadernillo de poesia" que neste número 94 e 95 apresenta a peça em verso "La Samaritana" de Edmond Rostand, em tradução de Alonso Restrepo. Destacamos: "Panorama de la educación antioqueña", por R. Aguirre Agudelo; "La filosofía de Bergson", interessante estudo de Jorge Bechara Hernádez; "Presencia y ausencia de Goethe en la literatura Colombiana", de Abel García Valencia; "Concepción metafísica de "lo eterno femenino". Goethe o el amor a la belleza", por Julio César Arroyave Além de outros trabalhos sobre filosofia, literatura, folklore e notas informações sobre livros, etc. E em todos ou outros exemplares recebidos, respectivos além do cuaderillo de poesia, as mesmas seções e artigos de interesse.

Livros:

O Deserto e os Números — poemas de Edson Regis, edição da Revista "Orfeu", Rio 1949, com ilustrações de Yllen Kerr. Um dos livros de poesia mais bem recebidos p/crítica. **Contra luz** — contos de Josefina L. A. de Blixen — Montevideo — Uruguay — 1949 e **Varela, el reformador, estudio biográfico** pela mesma autora. Dois bons trabalhos.

Vidas sem Rumo — novela de Ruy Godoy Costa, editora brasiliense Ltda. S. Paulo — 1948

Os Contos muito Humanos — Hernani Donato, 2ª edição, 1949 — Edições "Letras da Provincia". Contos simples e humanos como o próprio título já diz.

Provincia — Contos de Alvez Motta Sobrinho, editora Brasiliense Ltda. S. Paulo 1950. O A. publicou no ano findo "Bola Preta" livro de contos bem recebido p/ crítica.

Cartas de Marear — Poemas de Donozor Lino, Atibala, E. S. Paulo, 1949. Um bom livro de poemas de um estreado, ainda irregular e que poderia ter sido mais depurado, porém que já nos apresenta alguns bons poemas.

O VIUVO — Peça em três atos de Rosario Fusco, que no ano findo nos deu "O Anel de Saturno". Esta edição de agora, como a anterior, é limitada, de 250 exemplares, numerados e assinados pelo autor.

IMAGENS DA NOITE — Livro de Sonetos de Campos de Figueiredo — Segunda Edição, feita especialmente para o Brasil. Editado em Coimbra, 1949, este livro de um dos bons poetas de Portugal compõe-se de sonetos todos eles "shakespeareanos" na forma, em contraposição a forma mais usual de Petrarca.

O CENTAURO — Poemas de Francisco Marcelo Cabral — Edição da Revista "Meia-Pataca". Cataguases — Minas-Gerais. Um livro irregular porém que nos apresenta um ótimo "poeta em perspectiva".

IDADE 21 — Poemas de Valmor Cardoso da Silva — Cadernos Sul n. 1 — Edição do CAM — Florianópolis — Santa Catarina. Poemas Simples e que a crítica do país, de uma forma geral, tem recebido com simpatia.

AZUL E BRANCO — Poesias de José Valeriano Rodrigues — Belo-Horizonte — Minas — 1948.

I. B. E. C. C. — Sub-Comissão Catarinense de Folklore — Boletim Trimestral — Florianópolis — Ns. 2 e 3. Material diverso, notas, informações, artigos de interesse geral, ata das reuniões, etc., completam estes números.

Provincianas — Artigos de crítica de Aderbal Jurema. Um bom livro, que apesar do gênero ingrato ainda consegue manter o interesse.

APENDICE

Carta resposta ao meu caro Fausto Cunha AINDA A ANTOLOGIA

Eu poderia começar lhe retrucando com as próprias palavras do meu pobre e desprezioso artiguete anterior. Ali, naquele final onde me refiro aos contos que mais me agradaram. Ali está a explicação. Não sendo crítico, como você, mas um mero leitor, o artigo que escrevi não passa de simples opinião. Sem mais valor do que pode ter uma opinião. Eu repetiria mais que é questão de "fôro íntimo" o gostar ou não gostar de um trabalho, o que depende de múltiplos outros fatores além do artístico e estético. Fatores psicológicos, de capacidade de assimilação, etc.... Mas bisaria que em última análise é gosto — e aqui também eu gravaria a velha frase do velho e austero Kant.

Eu disse o que me pareceu. Talvez esteja errado, concordo. Mas disse, confesso, somente o que senti lendo a antologia — e como senti. Não como crítico que não tenho a pretensão de o ser, mas como leitor curioso e grandemente interessado em coisas do espírito, nas letras. Como um leitor que após mastigar demorada, vagarosamente um livro, sente necessidade de dizer algo sobre ele, de se manifestar a respeito; e se afoita em escrever algumas linhas, não críticas, não numa análise fria de crítico, mas em palavras simples e francas de leitor bem intencionado. Talvez a opinião de um leitor seja muito "personalista" enquanto um bom crítico deve ser sempre o mais possível impessoal e frio.

Mas será possível ser-se impessoal em arte? Não tomar partido. Ela não tem que nos tocar sempre muito de perto, nos dizer algo, significar qualquer coisa para nós, nos trazer uma mensagem, emoções? Será que devemos nos desligar por completo e ver de fora, inteiramente? E estará isto ao nosso alcance? Acho que não. E se assim fôsse eu preferiria nunca passar de simples leitor. E voltarei a dizer que meu artigo não passa de mera opinião. Sem valor portanto. Mas não, absolutamente! Não farei tal. Afirmarei de novo que disse o que senti, senão como crítico, ao menos com a sinceridade de pessoa interessada em literatura.

E dito isto eu gostaria de esclarecer agora alguns pontos. Se Você quer ter a paciência e bondade de me acompanhar até o fim...

É claro, você tão bem ou melhor do que eu o sabe, que estas nossas revistas de novos que pululam no momento pelo Brasil, são quase todas elas experimentais, todas elas tentativas, buscas. E querer mais, dadas as condições atuais, seria absurdo. Como tal portanto são elas aceitas, lidas, comentadas. O louvor feito a elas é sob este aspecto, pelo esforço que se faz, pela procura, muitas vezes num ambiente contrário. E não como coisas definitivas. Que ninguém espera de jovens que estão se iniciando, muitas vezes tateando.

Não se poderá dizer o mesmo da antologia. Eis meu ponto de vista na questão. Pois ela já implica em que se tenha material para esta antologia, um material que transcenda às revistas, aos jovens que fazem as revistas e aos dias presentes. Porque os que vão ler a antologia não irão ler com condescendência por ser de jovens. Até muito pelo contrário. Irão ler com a esperança de encontrar algo imperfeito sem dúvida, prematura talvez, porém novo, que traga algo como contribuição própria. É preferível um conto apenasmente regular que tenha em si uma mensagem nova ainda que imperfeita, a um conto bom que não passe de cópia de mera imitação de fórmulas passadas.

Eu digo: "Nenhum conto que traga uma contribuição verdadeiramente nova ou original." O Fausto Cunha toma a minha frase acima, transcreve e adiciona: "Será isso possível, pelos menos entre contistas novos? Um Tchecow, um Poe, uma Mansfield, um Munro, não aparecem às dúzias". Eu gostaria de retrucar: Onde senão entre os novos se pode esperar essa contribuição nova? Não vai você, meu caro, querer que entre os velhos! Veja bem que não falo em obra perfeita, mas contribuição nova. O que é bem diferente.

Pela antologia não parece que a nossa geração tenha muito o que dizer. Ou bem pouco. Mas é aí que está o erro. A antologia dá uma falsa visão da jovem literatura

brasileira atual. Dá a impressão de uma geração quase mirrada, sem vigor.

É nesse aspecto que eu me bato contra o trabalho organizado por Saldanha Coelho. Porque há muito o que dizer, a nova geração literária do Brasil tem o que dizer, e o pode, assim como pode e deve abrir seus caminhos artísticos; porque dentro da nova geração pode-se tirar uma antologia que dê a justa medida, o valor exato, o equilíbrio, as possibilidades da geração. Que de forma alguma está representada na antologia da Revista Branca. Torno a frisar: Os nomes da antologia são valores, porém deslocados ou num momento infeliz. Faltou uma melhor e mais cuidada seleção, mais auto-crítica e capricho.

Você diz que eu não nomeio, não abro debates, não exemplifico. E por que desejaria você que tal atitude partisse logo de mim, aqui afastado quando há muitos outros, você mesmo, mais capazes para a tarefa? Mesmo assim, meu caro Fausto Cunha, desculpe-me, eu faço, sim. Veja: Porque tirando os trabalhos que eu cito no meu artigo como do meu agrado, e mais alguns que por um motivo qualquer de ordem interna, particular, não consegui assimilar (quem sabe se por incapacidade ou alegria "estética"), os demais é claro que estão indiretamente indicados. Agora não iria V. querer que eu tomasse história por história do volume e fôsse fazendo uma exegese. Mesmo pelo que segue:

I) — Não haveria espaço que bastasse e se tornaria um trabalho monótono para os que não conhecessem a antologia; e aos que conhecessem pouco ou nada interessaria tal especie de trabalho;

II) — Iria talvez me faltar capacidade, "arte e engenho" para tal, para tão exaustivo quão importante trabalho;

III) — Não ví de outros cantos partir essa análise fria e lógica, mas em grande parte meros e superficiais elogios, só se salvando uma meia dúzia de artigos que tentaram uma nota mais impessoal;

IV) — E... sim... deixe-me acrescentar de novo, muitos contos da "antologia" não mereciam nem ser lidos a não ser por simples curiosidade, quanto mais estudados, analisados.

Eis o motivo, a meu ver, pelo qual "muitos críticos" não tomaram conhecimento da antologia ou se tomaram foi pró forma, dando notas convencionais.

Vejo-o daqui, a sorrir você do meu "exagero", ou então se lembrando do conto do Anibal Nunes Pires. Pois bem, concordo, sem contudo poder deixar de dizer-lhe que há na antologia outros tão ruins quanto "Cafezinho de Visita". E que só por mera injustiça se poderia isolar o Anibal como pior. Não estou aqui a defendê-lo. O conto não tem defesa. Não concordo é com a injustiça.

Porém, vá lá, tomemo-lo como exemplo. De quem a maior culpa? Do Anibal ou da organização da antologia? Anibal foi convidado. A obrigação dele consistia em responder aceitando ou não. Achou que devia aceitar. Aceitou. Competia a antologia por sua vez aceitá-lo ou negá-lo, já que os contos eram pagos e não sobraria ressentimentos de aprte alguma. Não poderia sobrar. Está bem que os "antologistas" selecionassem cada lqua seu conto, já que iam pagar. Isto não impedia, não devia impedir, até pelo contrário, que a última palavra fosse dada pela revista organizadora, que poderia, tinha o direito, quase diremos o dever, de aceitar ou então recusar o conto. Porque além da responsabilidade da geração, estava ainda em jogo o nome não só dos contistas em particular, como ainda do organizador, uma das figuras mais promissoras de contista novo, e da revista patrocinadora.

A meu ver competia ao que organizou fazer a seleção última. O pagamento do conto não deveria nunca servir de motivo a que um autor fôsse aceito ou recusado. Pelo contrário. Dava independência. E assim fazendo, se poderia ter mais liberdade de ação.

Vejamos mais um ponto agora. Tomemos novamente o conto do Anibal. Digamos que o autor se julgou sem auto-crítica suficiente, incapaz de selecionar e mandasse mais que um trabalho, confiando na turma do Rio. Pode-

se dar e um autor mesmo bom não tem obrigação de ser também crítico. Avancemos mais um pouco. Que me diz, V. de haverem escolhido o pior dos trabalhos, o sem significado algum como você diz, o que ajuda a "sabotar" a antologia na sua opinião. Neste caso onde a falha maior, onde o mais culpado e "sabotador"? Ou teria sido incapacidade? Não o quero crer pois sendo pessoas inteligentes.

Você diz: "O que assustou Salim Miguel foi o número de mediocridades. A presença desses mediocres é uma auréola para os que têm algum valor." Pergunto: Será mesmo verdade? Não se poderá também dar o caso de os mediocres acabarem por abafar, fazer submergir "os que têm algum valor"? Não serão eles sufocados, esmagados? Concordemos que bom entre mediocres sobressai. É claro e lógico. Mas bom entre "mediocres" também? Esclareço que me refiro aos trabalhos e não às pessoas. De muitos só posso falar baseado nos trabalhos da antologia. De outro por não terem queda para o conto e serem bons em outros gêneros.

Meu caro, agora eu tenho mais outra opinião. Eu acho que também é sabotar a antologia — e mais ainda que ela, a geração, o que é muito importante e perigoso, esses elogios desregrados que se lhe vem fazendo. Porque podem se dar duas coisas curiosas. Primo: Auto suficiência, a coisa mais chata do mundo, na turma antológica; secundo: Descrença dos demais na turma da geração atual. Começarão por nos tratar como pessoas sem maiores ambições, facilmente capazes de nos sentirmos satisfeitos com uma mera antologia sem maior significado. Se é assim agora só nos resta estendermo-nos de papo pro ar, esperando os louvores que nos virão, provenientes da Antologia. Você não acha que, mesmo que não possamos — e temos poder — devemos querer mais, muito mais? E que para isto é preciso começar cedo, não se satisfazer logo, buscar e lutar...

Aliás é tudo muito complexo, muito difícil. Todos têm medo de ferir suscetibilidades, de dizer a verdade. Não para prejudicar a pessoa, ou por não gostar dela, mas por um sentimento de honestidade inato que deveria existir e dominar nas letras. O mal é que nas letras ninguém quer aprender, e todos querem começar mestres. Prá tudo, até prá mais simples profissões, se faz um longo aprendizado. Menos prá coisas em que se deveria ser mais humilde e consciencioso. Chama-se a pobre da inspiração, nasce-se genio e... pronto, tudo feito. Não há precisão de ler, de estudar, de procurar aprender.

Você diz bem: Onde encontrar uma antologia como eu quero, que agrade "in totum"? E ninguém, muito menos eu pedia uma antologia de obra primas. O que seria supinamente ridículo e absurdo. Pedia-se uma coisa "nova", mediana — o que não é pedir muito. E é o que falta. Seja no conto do Anibal seja em outros. E é o que se podia ter feito. Não era pedir demais, era exigir o que está se vendo mais que possível. Falta na antologia esse valor mediano mesmo levando-se em conta serem jovens; valor mediano que permite a publicação de um trabalho numa "antologia por mais liberal que ela seja, e sem o qual não é humanamente possível que se aceite. Falta, o que me parece mais perigoso para o futuro da literatura do Brasil se é que na antologia quer se ver "Expoentes novos das letras", espírito de revolta, de luta e busca que deve caracterizar as gerações. Não se pedem obras mestras que estas, você bem o diz, não surgem às dúzias; mas há um limite para tudo e descer dele é exagerar. Deve haver uma linha mestra, um ponto de base, uma classificação mediana. Descer daí é entrar na sub-literatura, na "sub-coisa".

Lhe lanço um desafio: Se você francamente, sinceramente, com a sua sinceridade de artista e crítico que reconheço, me afiança e promete que da nova geração nada melhor em matéria de contos se pode fazer do que esta "Antologia de Contos de Escritores Novos do Brasil", edição da Revista Branca, dou a mão à palmatória. Feito?

Você me diz que uma antologia como quero nem mundial. Meu caro, não há um exagerozinho bem grande aí? Não precisamos ir tão longe nem recorrer a antologias de obras primas. Eu poderia lhe citar agora mesmo, do Brasil ou feitas no Brasil, umas quantas que V. tão bem ou melhor do que eu conhece. Mas não, não citarei porque logicamente iríamos cair em comparações e não é possível comparar. Somente no caso de que encontrássemos uma outra antologia feita nas mesmas condições. E eu, modestamente, humildemente, confesso não conhecer.

Mesmo porque estes são "novos" — e não poderiam ser confrontados com escritores antigos. Não pelo que V. pensa, por estarem começando. Não! Por uma razão mui-

to mais transcendental, muito superior. Por serem novos. Confesso, aqui em segredo, que ninguém nos ouça, que este termo novo às vezes me cansa. Eis um privilégio que me desagrada muito e me faz sentir como se nós novos estivéssemos em pé de inferioridade e fôssemos precisos tratar-nos com cuidado e delicadeza extrema. Por que?

Desculpar tudo nos novos. Elogiar os novos por serem novos. Louvar os novos, esquecidos de que "novo" é uma condição mais espiritual do que física. Acaba-se tendo o tabu dos novos. E novo? Não há meio termo, não há análise. Presta ou não presta. De acordo com a pessoa. É genio ou é burro. Defesa ou ataque total.

E logo a gente, nós, que devíamos ser contra todo e qualquer tabu...

Não se deve louvar o novo senão pelo que ele representa de espírito vivo contra o velho e caduco. Agora, se o novo ainda faz pior que o velho e sem o pouco de razão deste, é muito mais culpado e não há como desculpá-lo. Você não concorda comigo? Às vezes até, quase (digo quase pois que há centenas de pontos dignos e louváveis nos novos e eu não trocaria esse privilégio de ser "novo" por coisa alguma), sim, quase a gente se lamenta de ser novo. Mas logo se lembra de tudo que é possível ainda fazer com perseverança e boa vontade, de que se está começando e talvez os antigos tenham feito mais "burradas" do que nós. E então...

Novo não é sinal de bom ou mau, dogmaticamente, nem sinônimo de certo ou errado. Mas ambas as coisas. Novo para mim é pesquisa, é procura, é busca. Novo é todo aquele inconformado não importando a idade. Novo, para exemplificar, já que V. me pede exemplos, é Ledo Ivo poeta dos melhores que temos no momento e não Ledo Ivo contista imitador de Ribeiro Couto... Novo é o que procura fazer obra imperfeita porém o mais possível sua, preferivelmente a fazer boa porém mera cópia de quem quer que seja, ainda que do maior gênio, sem nada contudo de original. Assim entendo novo. Talvez esteja errado. Não sei. Você fará o favor de me elucidar. Pelo que lhe ficarei muito agradecido.

Não, meu caro, se pode fugir à época em que se vive, do período que se atravessa. E tudo que fazemos reflete o espírito da nossa época. Por mais alheados que queiramos ser. Por mais que o artista se julgue "fora". A obra é o homem e o homem é a época que vive. Logo... Querer fugir disto é absurdo e escapismo. Nem por ser mais livre e compreender mais o artista tem menos obrigações do que os outros homens. Tem até mais, por ser quem melhor sente o seu tempo e o interpreta. Você diz: "... Conheço dezenas e dezenas de seletas de dois ou três idiomas, se me permite a verdade. Entretanto em nenhuma delas encontrei além de deleite estético e do conhecimento literário, algo que me levasse a acreditar na aquisição de cabedais tão complexos." Meu caro Fausto Cunha, você não encontrou ou não quis encontrar? A gente só vê aquilo que quer. Com pequena modificação eu poderia lhe retrucar com as mesmas palavras de você: "... Nem valor excepcional, pois esse valor só existe para quem sinte real necessidade de encontrá-lo." Será que V. em todas essas antologias que leu nestas línguas todas nada mais encontrou? Você acha mesmo que não tira outros proveitos outros a não ser os que cita? Você tira através deles outros humanos e sociais? De modo de reagir e pensar, do sentir e viver, da forma e maneira de transmitir, das conclusões a que chegaram os homens de outras eras através seus trabalhos, você não tira também suas conclusões a respeito deles, não se apercebe de como pensavam, a que fim tendiam eles e a teoria, o costume, o sentimento e espírito dominante na época? Não o creio, desculpe-me. E não o creio não porque duvide de sua sinceridade, ache que você esteja falseando a verdade (sei que como artista você é incapaz disto), mas porque estou certo da inteligência, da sensibilidade, da capacidade de você.

Para mim a época se reflete nos modos estéticos, nas teorias artísticas; e nos embates sociais e humanos se percebe o artista que capta e transmite. Ele é o fotógrafo da época. Um fotógrafo que deforma a realidade presente de acordo com a maneira como ele a vê através de seu espírito. Mas que nem por isto deixa de ser fotógrafo.

Umas coisas condicionam outras.

A época influencia o artista e este a representa. Grava-a para o futuro.

O artista não é nem pode ser um ente desligado dos outros, do mundo, do que o cerca. E por que o seria? O artista é um homem igual aos demais, feito da mesma massa. Somente com mais sensibilidade e poder de captar, analisar, transmitir e gravar para a posteridade tudo

que o cerca. E o que é que o cerca? E donde extrai êle o que diz? Do nada? Não é possível? E que é que o emocionou e atuando sobre seus nervos faz com que sinta essa necessidade de extravassar, de atirar ao mundo a sua mensagem, de se dirigir aos outros homens e também tentar fazê-los ver da mesma forma que êle? Não meu caro Fausto Cunha, não! Eu não pedi o impossível. Você é que quiz imaginar que eu o houvesse feito. Ou então brincou...

Não disse que a antologia da Revista Branca não fica. Nem que fica. Disse, lamentei que se houvesse perdido uma tão boa oportunidade, sabendo-se as dificuldades para tais cometimentos no país, de não se ter feito um trabalho mais esmerado, selecionado, sob todos os aspectos. E então ficaria como documento de uma época, talvez mesmo trabalho de consulta e estudo. Documento necessário para quem estudasse no futuro as condições do Brasil de agora, especialmente no campo artístico, estético, humano e social. Ficará talvez, porém a menos que eu esteja muito errado, como mera curiosidade, de pouco valor. Como aliás V. mesmo reconhece.

Quem sabe se não será um segundo "Rosal de Ritmos"? Que humilíssimo e envergonhadíssimo confesso não conhecer — nem de nome — e de que ouço falar pela primeira vez no seu artigo. Então daqui a anos surgirá um novo Fausto Cunha escavador, infatigável das coisas do espírito, e redescobrirá a antologia. E se deliciar-se com os contos apresentados... Sômente que neste caso pouco valor veria eu na antologia. Valor histórico e bem limitado. Pois não teria gravado com fidelidade o "momento" atual. Daria uma visão errônea.

O que talvez não se dê com "Rosal de Ritmos". Pois bem pode ter sido injusta o esquecimento do volume de Luiz Carlos. Eu pedidia que V. o divulgasse, assim estaria prestando um grande favor às letras. Aproveito a oportunidade: Como conseguir o tal? Será que você...

Eu terminaria (e já tarde, deve o meu caro Fausto Cunha estar pensando) com uma retificação. Você diz: "...por mais acre que se mostre o artigo de..."

Eu digo: não, acre não. Talvez violento, mas sincero, nunca premeditadamente injusto. E que razão teria eu para ser "acre"?

Tenho certeza. Se muitos outros não se manifestaram contra a antologia — não contra por contra, mas contra com intenção de auxiliar — foi por preguiça, co-

modismo, receio de desagradar, ou ainda julgarem que a mesma nem merecia que se preocupassem com ela, como me disseram. "pois tinham mais o que fazer". O que eu considero uma atitude errada, pois a antologia, mesmo com todas as falhas e deficiências que são enormes, é um trabalho importante, revela força de vontade, quer fazer alguma coisa e trabalhar. Só não erra quem nada faz. E os da antologia merecem a maior simpatia e afaiz. E os da antologia merecem a maior simpatia e afaiz. E os da antologia merecem a maior simpatia e afaiz. Agora esquecer tudo por isto, xilão de nós outros jovens. Agora esquecer tudo por isto, louvar e louvar só, isto é que não. Calar também não. Dizem o que se pensa, sim.

Eu, não calei, e disse. Dei atenção, a minha pouca e humilde atenção de provinciano, à antologia. Considero importante. Tanto assim que saí de minha preguiça, dei meus ócios de leitor inveterado prá me manifestar a respeito, sabendo que iria cair no desagrado de muitos. Pois raros são ainda os que sabem aceitar uma opinião com isenção de ânimo. Acham logo que somos inimigos, que temos mil e uma coisa contra eles, pobres inocentes que nada nos fizeram. Não elogiou — é inimigo. Esclareço ainda: Nada tenho contra quem quer que seja, de qualquer grupo, e mesmo sou contra os grupinhos fechados. Acho que se deve fazer um esforço geral, partindo de todos os recantos do país, para melhorar o nível cultural e dar uma consciência mais nítida e compreensiva aos "novos". As nossas revistas devem servir de meios de união e não para debates. E quando inevitavelmente estas surgem, devem ser olhadas como uma coisa natural entre pessoas que possuem opiniões, mas que a sabem discutir como quem discute idéias.

Quase nenhum dos "antológicos" conheço. Acho admirável o esforço da turma da Revista Branca. Pois só quem também faz alguma coisa, uma revista do generoso das nossas por exemplo, no Brasil, se ela tiver um caráter independente, sabe de que lutas e sacrifícios e espírito de renúncia se necessita.

Agora, por isto, fechar os olhos, não dizer nada, louvar apenas, me parece nocivo e prejudicial. E isto não farei. Que me diz Você?

Com as minhas escusas pela "chateação".

Abraça-o o amigo

Salim Miguel

Florianópolis, 30-3-50.

APONTAMENTOS DE UM CADERNO

DE ANASTÁCIA, AINDA A VOZ...

Antônio Paladino

Dia 4/12/1948 — Saudades de Anastácia. Amanheci nostálgico, sentimental; uma vontade de rever as coisas do outro lado... E percebo mesmo, assim com certo espanto, que já vai longe o dia da partida de Anastácia; só fiapos de imagens, pinceladas ainda persistentes daquele acontecimento passado, ainda restam dentro de mim, fazendo companhia a pedaços de outros fatos, sentimentos e idéias que jazem soltos por lá. Anastácia fazia lembrar minha mãe. Havia uma inexplicável semelhança, um imperceptível traço fisionômico, ou um tique qualquer ou uma qualquer coisa que não posso precisar com absoluta certeza, entre as personalidades de Anastácia e minha mãe. Em ambas eu buscara o consolo das preocupações, medos e incertezas que já naquele tempo me acabrunhavam. Ambas me deram conforto, me reanimaram para a vida, me trouxeram aquela segurança das pessoas queridas e frágeis que nos leva, muitas vezes a afrontar os obstáculos mais fortes que nós mesmos.

De Anastácia o que ainda guardo com espantosa nitidez é o som da sua voz: sua tonalidade quase sempre variada; seu timbre assim um tanto enjoado, seguro, modulado. Às vezes, em certas noites nas horas calmas quando já não ouço outra coisa mais que o latejar dêste outro mundo que carrego dentro de mim, eu muitas vezes ouço bolindo comigo, as muitas vozes de Anastácia, nas suas diversas e multiplicadas formas de expressão, reunidas e constituindo para mim uma música estranha que só eu gosto e entendo.

A primeira vez que a voz de Anastácia me despertou interesse fora do vulgar, foi quando numa noite de um dia de inverno, tempo aquele em que eu ainda acreditava

num Deus, ela nos levou a deitar, a mim e ao meu irmão mais moço, e nos rezou o Padre Nosso, como todas as noites fazia, enquanto que baixinho, quietos, nos acompanhávamos com solenidade tímida e sincera. Nessa noite, talvez devido ao frio que estava bastante intenso, talvez devido à sua emoção um tanto exaltada que proviera de uma alteração que tivera com minha tia Otávia, sua voz era um tanto tremida, um tanto entrecortada, assim como um soluço que queria ser soluço mas não era. Foi então que senti pela primeira vez a voz de Anastácia. Já havíamos acabado de rezar o Padre Nosso e ela já nos beijara e estava se preparando para sair do quarto, quando levado por um impulso que até hoje não consigo explicar-me verdadeiramente, eu virei-me para ela e disse num muchocho:

— Puxa Anastácia, tens uma voz tão feia.

Ela me olhou um tanto espantada, um tanto galhofeira, assim um pouco sem jeito, sorridente.

— Que é isto menino? Estás fazendo pouco da tua Anastácia?

Depois, com o tempo, eu fui me habituando com a sua voz, me impregnando dela, recompondo-a no meu íntimo e já não sabia mais com absoluta certeza se a voz era feia ou era bela. Talvez sempre fosse bela ou talvez sempre fosse feia; entretanto o que hoje já não posso mais negar para mim mesmo é que a impressão que a sua voz me causava era dêstes belos feios, talvez os mais puros dos belos, que são a causa dessa emoção espontânea, dessa qualquer coisa de envolvente que muitas vezes experimentamos ante uma obra de arte, um quadro, uma sinfonia, um poema.

CLÍNICA DE CRIANÇAS
DO
DR. M. S. CAVALCANTI

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLÍNICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Residência:

Consultório:

R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Fone M. 732

Das 3 às 5 horas

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

FLORIANÓPOLIS

DR. WILMAR DIAS

VITOR DA LUZ FONTES

ADVOGADO

ENGENHEIRO CIVIL

R. Vidal Ramos, 73

PROJETOS — CALCULOS — CONSTRUÇÕES

TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2º andar

FLORIANÓPOLIS

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS

LIVRARIA ROSA

O ÚNICO

Qualquer livro

(Romance, poesia, religião, técnico)

de qualquer editora...

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

Rua Deodoro, 33

Florianópolis

FLORISBELO

ALFAIATE

Florianópolis

I. J. ATHERINO & CIA.

R. Jerônimo Coelho, 2 — Fpolis. — S. C.

Armazem de Gêneros Alimentícios

Artigos de primeira qualidade

Atacadista e Varejista

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório.
em geral.

Rua Felipe Schimidt, 8

FLORIANÓPOLIS

SUL

SUMÁRIO

POEMA	Fred Pinheiro
POEMA DIURNO	Walmor Cardoso da Silva
SINFONIA	J. M. Gomes de Mattos
OUTRO	Redação
TONINHO MORREU	Redação
TRISTEZA	Antônio Paladino
NOTAS "ÀS VEZES LÍRICAS" SOBRE O RIO	Eglê Malheiros
POEMA	Fernando Pessoa
CANÇÃO BÁRBARA	Afonso de Bragança
SÚPLICA À MORTE	Jorge Ramos
CANÇÃO DEPRESSA	Carlos Queirós
UM SONHO DE VIDA	Archibaldo Cabral Neves
SILVEIRA SAMPAIO, O AUTOR	Ruy Brand Corrêa
HISTÓRIAS NATURAIS (EXERPTOS)	Jules Renard
FUENTE E RAIZ	Matilde D'Espaux
UM HOMEM MAU	Ody Fraga
ERA IGUAL AOS OUTROS	Salim Miguel
OUVINDO MOACIR FERNANDES	Élio Ballstaedt
PALAVRAS PRONUNCIADAS NO 1º CURSO INTERNACIONAL DE FÉRIAS	H. J. Koellreutter
NOTAS DE POESIA	J. M. Gomes de Mattos
PROGRAMA	Walmor Cardoso da Silva
ERA UMA VEZ	Antônio da Silva Filho
POEMA A VAN GOGH	Nataniel Dantas
POR UMA ARTE AUTÓCTONE	Flávio de Aquino
A GRANDE DESCONHECIDA	Fernando Jorge Uchôa
OS 3 SANTOS DE JUNHO NO FOLCLORE BRASÍLICO	Walter F. Piazza
ERA UMA VEZ	Sylvio Eduardo
SERPENTE NEGRA	Donozor Lino
A INAUGURAÇÃO DO AMBULATÓRIO DO IPASE	Redação
O NASCIMENTO DO CINEMA	M. Santos
AINDA A ANTOLOGIA	Salim Miguel
DE ANASTÁCIA, AINDA A VOZ	Antônio Paladino

"SUL" encontra-se à venda

No Rio:

Livraria José Olympio — R. do Ouvidor.

Livros de Portugal — R. Gonçalves Dias.

Galeria Askanazi — R. da Quitanda, 56.

Livros Franceses — Av. Presidente Antônio Carlos, 53.

Em São Paulo:

Museu de Arte — R. 7 de Abril, 244 (Secção de livros e revistas de Arte).

Em Florianópolis:

Livraria Moderna — Rua Felipe Schmidt.

Este número foi composto e impresso nas oficinas da Imprensa Oficial do Estado.